

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

NEM CULPA, NEM CONDENAÇÃO: A SAÍDA PODE
SER JESUS. A ATUAÇÃO DAS IGREJAS
PENTECOSTAIS NA AGÊNCIA PRISIONAL DE
GOIÂNIA

FLÁVIA VALÉRIA C. B. MELO

GOIÂNIA
2005

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

NEM CULPA, NEM CONDENAÇÃO: A SAÍDA PODE
SER JESUS. A ATUAÇÃO DAS IGREJAS
PENTECOSTAIS NA AGÊNCIA PRISIONAL DE
GOIÂNIA

FLÁVIA VALÉRIA C. B. MELO

ORIENTADOR:

Prof.^o Dr.^o Alberto da Silva
Moreira

GOIÂNIA
2005

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO EM 28/02/2005.

1) Dr. Alberto da Silva Moreira _____

2) Dra. Irene Dias de Oliveira _____

3) Dr. Pedro Célio Alves Borges _____

DEDICATÓRIA

Ao autor da Vida, que me concedeu a oportunidade deste aprendizado.

À dona Valdete, que um dia deixou de ser enfermeira para ceder aos caprichos do casamento, quero dedicar meus sonhos, talvez como uma forma de compensar os seus sonhos renunciados. Eu a amo muito. Sem o incentivo da minha mãe eu não teria chegado até aqui.

Ao meu companheiro Hélio que soube compreender os momentos de ausência enquanto eu escrevia, sem ter feito cobranças.

Ao meu pequeno Gabriel que aprendeu a ser um homenzinho, fazendo com capricho suas tarefas e cuidando-se sozinho enquanto eu escrevia esse texto.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores do mestrado em Ciências da Religião e à secretária Geyza Pereira.

Aos professores convidados para a composição da banca, Dra. Irene Dias de Oliveira e Dr. Pedro Célio Alves Borges, fico lisonjeada por terem aceitado o convite.

Em especial, ao professor e orientador Dr. Alberto da Silva Moreira, que dedicou incansáveis horas de atenção para as sessões de orientação. Quero agradecer por suas correções tão importantes, trazendo-me luz para ver o que não conseguia ver e pela sua presteza e amizade.

À minha amiga e colega de sonhos Karine Monteiro da Silva, que discutiu comigo algumas partes do trabalho, que esteve disposta a me

ouvir e me ajudou no momento da pesquisa acompanhando-me ao presídio.

Às minhas irmãs Neide e Franciara, eu quero deixar meu agradecimento pelos gestos de carinho demonstrados a mim por todos esses anos.

Aos pastores Mário, Cleuza e Margot, que me incentivaram a fazer pesquisa de campo e estiveram disponíveis no gabinete pastoral quando os procurei.

Ao pastor Divino Alves que me ajudou a ver a Igreja Deus é Amor com outro olhar... E me deixou à disposição a ABAE e o seu tempo para a coleta de depoimentos e entrevistas, causando-me admiração pela sua dedicação aos presos e egressos.

Quero também agradecer aos presidiários e aos egressos que tão gentilmente me receberam, ajudando-me a compreender o significado religioso que as igrejas pesquisadas têm para eles e a me fazerem despir de estereótipos construídos anteriormente.

À srta. Kátia Cristina Costa, que foi o meu primeiro contato na Agência Prisional, que ouviu com atenção meus pedidos e me encaminhou aos lugares que precisei percorrer.

Ao Dr. Edemundo Dias Filho, presidente da Agência Goiana do Sistema Prisional, pois sem sua autorização para entrar no presídio a dissertação não teria chegado ao fim. Também lhe sou grata pelo respeito e confiança que depositou na minha pesquisa. Isso me incentivou bastante.

Agradeço ainda aos agentes prisionais, aos assistentes sociais, aos enfermeiros, aos psicólogos, aos familiares dos presos, aos voluntários, enfim, a todos e todas que direta ou indiretamente me ajudaram.

LISTA DE SIGLAS

ABAE – Associação Beneficente de Assistência ao Egresso
AGSP – Agência Goiana do Sistema Prisional
CPP – Casa de Prisão Provisória
IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus
POG – Penitenciária Cel. Odenir Guimarães

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - COMPREENDENDO O PENTECOSTALISMO	22
1. O pentecostalismo no Brasil.....	24
1.1. A terminologia neopentecostalismo.....	26
1.2. Pentecostalismo e neopentecostalismo: diferenças e perspectivas.....	28
CAPÍTULO II - AS IGREJAS EVANGÉLICAS OBSERVADAS NO PRESÍDIO.....	33
2.1. A Igreja Universal do Reino de Deus.....	34
2.2. A Igreja Pentecostal Deus é Amor.....	40
2.3. A Igreja Luz para os Povos.....	46
CAPÍTULO III - PRESÍDIO: O INFERNO DA TERRA.....	52
3.1. A Agência Goiana do Sistema Prisional.....	59
3.2. O encarcerado da penitenciária na Agência Goiana do Sistema Prisional.....	65

3.2.1. O estigma da pobreza.....	67
3.2.2. A superlotação.....	69
3.2.3. O abandono e isolamento.....	71
3.2.4. A insuficiente assistência médica.....	72
3.2.5. A liberdade nem sempre é a saída.....	74
CAPÍTULO IV - A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO PRESÍDIO.....	81
4.1. A atuação da religião no presídio.....	82
4.2. A vida do detento e a figura de Jesus.....	90
4.3. O uso dos ritos: garantir o sagrado e confortar os fiéis.....	92
4.4. A expressão dos símbolos.....	95
4.5. Discursos: o fundamentalismo visto como sistema simbólico religioso.....	97
4.6. A ação religiosa vista como uma ação racional.....	100
CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	104
5.1. Uma aproximação sociológica sobre a atuação das igrejas evangélicas na POG.....	109
5.2. As considerações perante os fatos observados.....	113
CONCLUSÃO.....	116
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXO.....	125

RESUMO

MELO, Flávia Valéria Cassimiro Braga. *Nem culpa, nem condenação: a saída pode ser Jesus*. A atuação das igrejas evangélicas na Agência Prisional de Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

Esta dissertação investiga a atuação das igrejas evangélicas dentro da prisão em Goiânia. Três igrejas serão observadas: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Pentecostal Deus é Amor e Igreja Luz para os Povos.

Este estudo analisa o funcionamento da religião representado por estas igrejas face às necessidades e dificuldades vividas pelo presidiário dentro do cárcere.

O texto baseia-se na sociologia da religião estabelecendo parâmetros que justificam as intenções das igrejas, dos presos e da prisão ao se relacionarem.

Palavras chave: Igrejas evangélicas, presos, instituição carcerária.

ABSTRACT

MELO, Flávia Valéria Cassimiro Braga. *Neither blame nor condemnation: the way can be Jesus*. The acting of the evangelical church in the Prison Agency of Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

This dissertation investigates the acting of the evangelical church in the prison of Goiânia. Three churches will be observed: Universal of the Kingdom of God (Universal do Reino de Deus), God is Love (Deus é Amor) and Light for the People (Luz para os Povos).

This study analyzes the religion represented by these churches based on the necessity and difficulty lived by prisoner in the jail.

This text is based in the sociology of religion establishing parameters that justify the intention of these churches, the prisoner and the jail when relating.

Key words: Evangelical churches, prisoner, prison.

ORAÇÃO DO PRESO

Leonardo Boff

Quando olhares para os que nos aprisionaram
e para aqueles que à tortura nos entregaram;
quando pesares as ações dos nossos carcereiros
e as pesadas condenações dos nossos juízes;
quando julgares a vida dos que nos humilharam
e a consciência dos que nos rejeitaram,

ESQUECE, Senhor, o mal que por ventura cometeram.

Lembra, antes que foi por este sacrifício
que nos aproximamos do teu filho crucificado:
pelas torturas adquirimos suas chagas;
pelas grades, a liberdade de espírito;
pelas penas, a esperança de teu reino;
pelas humilhações, a alegria de seus filhos.

LEMBRA, Senhor, que desse sofrimento brotou em nós,
qual semente esmagada que germina,
o fruto da justiça e da paz,
a flor da luz e do amor...

Mas, LEMBRA, sobretudo, Senhor,
que jamais queremos ser como eles,
nem fazer ao próximo o que fizeram a nós...

AMÉM

(Boff, 2004)

INTRODUÇÃO

Manifestações religiosas parecem não faltar para os cientistas da religião no Brasil. As igrejas pentecostais têm crescido em proporções geométricas¹, o que tem despertado a atenção da sociologia da religião tanto no que refere ao significado religioso que essas igrejas têm para os seus fiéis, como no que refere ao impacto social de suas práticas religiosas.

A proposta desta dissertação é trilhar pelo caminho construído recentemente na história das ciências da religião que questiona a tese da secularização da religião. Nesse caso, pretende-se analisar a oferta religiosa das igrejas pentecostais na vida dos detentos na penitenciária.

¹ Conforme Guercman (2004, p. 52), há mais de meio século os evangélicos são a religião que mais cresce no Brasil. Nos últimos 20 anos, mais que triplicou o número de fiéis: de 7,8 milhões de pessoas em 1980 para 26,4 milhões em 2001, um pulo de 6,6% para 15,6% da população brasileira.

O motivo desta escolha justifica-se a partir do momento em que a sociologia, que constitui a base da minha formação acadêmica, fez-me interessar pela categoria sociológica que analisa as parcelas da população menos favorecidas pelo sistema econômico, parcelas essas que, devido às suas carências, permitem a penetração das igrejas evangélicas representadas pelas igrejas pentecostais clássicas e autônomas em seu cotidiano.

A atuação dessas igrejas na prisão será a janela utilizada para a análise da efervescência religiosa e o cenário escolhido será a penitenciária da Agência Goiana do Sistema Prisional. As igrejas evangélicas assumem dentro do presídio atribuições que ultrapassam as limitações religiosas tradicionais, alcançando outros campos, como a assistência social, o apoio financeiro, a interferência jurídica etc.

Bourdieu já afirmava que, a religião realmente vai além de uma demarcação propriamente religiosa, cumprindo também funções sociais:

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam como ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.” (Bourdieu, 1998, p. 48).

Tornando-se, portanto passível de análise sociológica, o título proposto para a dissertação - *Nem culpa, nem condenação: a saída pode ser Jesus. A atuação das igrejas pentecostais na Agência Prisional de Goiânia* – pretende observar a partir da citação acima, como as igrejas evangélicas atuam face à população carcerária no presídio. Essa população, ou parte significativa dela, vê, por intermédio de Jesus, a saída para os seus problemas.

Mas onde está a saída?

A saída não está somente no sentido literário da palavra que é o momento de egresso do preso. Mais do que isso, o detento busca uma saída tanto para o drama da sua vivência enquanto presidiário, como também para o momento em que se torna egresso e recebe o estereótipo de ex-presidiário. Essa saída está na negação das coisas depreciativas que ele julga estar vivendo, buscando um novo caminho, um novo sentido à vida. E dentro do contexto analisado, o porta-voz dessa saída é o pastor pentecostal, que se declara o enviado de Deus para ajudá-lo a sair do caminho do pecado e torná-lo uma nova criatura.

Para descobrir as influências das igrejas evangélicas na vida dos detentos foram observadas e interrogadas três igrejas atuantes na penitenciária: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Luz para os Povos. Vale justificar que a pesquisa (realizada no ano de 2004) não se reportou ao complexo prisional de Goiânia como um todo – como os albergues e núcleos de custódia –, mas restringiu-se apenas aos pavilhões da penitenciária masculina Cel. Odenir Guimarães. É importante levantar os motivos dessa escolha: em primeiro lugar, porque a população carcerária é muito grande, o que exigiria um maior tempo para a elaboração da pesquisa; em segundo lugar, porque a rotatividade de detentos na penitenciária é menor, atraindo uma maior atenção dos evangélicos nesse local; em terceiro lugar, porque estando na penitenciária, os condenados já passaram pelo julgamento, podendo oferecer um acervo maior de informações para as entrevistas.

Propus-me estudar o papel das igrejas na vida dos presidiários para compreender a sua adesão ao grupo pentecostal, tornando-se necessário para isso, descrever o seu perfil econômico, social e religioso.

As perguntas fundamentais que tentei responder ao longo da dissertação são: Qual é a atuação das igrejas pentecostais na penitenciária? Quais os interesses dos detentos ao aderirem aos pentecostais? E quais os interesses da penitenciária ao permitir e estimular a ação das igrejas em seu interior?

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos, que seguem uma seqüência de temas que prioriza a compreensão do pentecostalismo até desdobrar-se no ponto chave, que é a relação entre igreja e prisão.

O primeiro capítulo estuda historicamente a chegada do pentecostalismo no Brasil, assumindo em parte a proposta de Paul Freston (in Antoniazzi, 1996, p. 70), que compreende o pentecostalismo brasileiro como a história de três ondas de implantação de igrejas. Todavia, também assume igualmente a crítica feita a essa periodização por intermédio de Mariano (1999). Neste capítulo introdutório será também discutido o termo neopentecostalismo e o momento de seu surgimento, bem como suas características e singularidades. Os autores que servem de suporte científico a esta leitura são principalmente: Mariano (1999); André Corten (1996); Campos (1999) e Freston in Antoniazzi (1996).

O capítulo dois dedica-se à descrição de três igrejas evangélicas que aparentaram exercer maior atuação no presídio: A Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Luz para os Povos. Faz-se um breve histórico de cada uma dessas igrejas, bem como o detalhamento das características de sua atuação dentro da prisão.

No terceiro capítulo, a instituição prisional que, já foi denominada como um inferno na terra, será analisada desde o olhar e a situação do detento na prisão. Nessa perspectiva, o instituto chamado prisão será questionado em termos de sua eficiência, pois tem sido declarado por seus próprios tutores, como uma instituição

falida. Ainda neste capítulo será feita a descrição da Agência Goiana do Sistema Prisional para o detalhamento de sua rotina diária.

O capítulo quatro pretende fazer uma conexão entre experiência religiosa na Agência Prisional. Diante das situações de incerteza em relação ao futuro, a religião pode repercutir de uma forma intensa na vida do presidiário e, até o ponto em que ele vê nela uma saída para grande parte de suas necessidades e carências. Neste capítulo, alguns questionamentos serão aguçados, dentre eles, algumas perguntas: de que forma e com qual objetivo igrejas repercutem na vida daqueles homens? Por que eles aderem às suas doutrinas? Será que estes, desejosos de receber algo em troca, participam de seus ritos e acreditam em seus discursos? As respostas serão distribuídas na seqüência do texto. Também serão observados neste capítulo os símbolos, os discursos e a gestão do espaço religioso utilizados por estas igrejas e, por último, a ação religiosa dos fiéis e das igrejas que serão compreendidas como uma ação racional (Weber, 1991,279).

O quinto e último capítulo, analisa sociologicamente os resultados e retoma algumas questões não aprofundadas ao longo da discussão. Não menos importante que os outros capítulos, a análise será necessária para o encadeamento final das idéias e a apuração das conclusões.

Para o levantamento dos dados para a análise, foram utilizadas as seguintes técnicas²: as entrevistas semidirigidas que serviram para conhecer as opiniões, fatos ou testemunhos sobre determinadas questões, os depoimentos que serviram para analisar as histórias de vida dos presos e os questionários fechados³, com perguntas mais adequadas às informações que precisavam ser obtidas pelos presos como, por exemplo, o perfil etário, educacional, econômico, etc.

² Indicação quanto ao uso dos métodos de pesquisa: Costa (1997 – p. 206-31).

³ No anexo consta o modelo dos questionários que foram entregues aos presos.

As entrevistas e os depoimentos serviram para a etapa inicial de elaboração e aplicação do questionário e a inclusão de análise nos capítulos anteriores. Foram entregues aos fiéis participantes dos cultos pentecostais 24 questionários, mais precisamente, foram distribuídos 8 questionários aos membros de cada uma das igrejas pesquisadas. A amostra pesquisada não pôde ser maior porque muitos presos eram analfabetos ou pouco letrados, o que exigiu um tempo maior para o preenchimento dos questionários de fiéis assíduos, levando assim, a uma amostragem desse tamanho.

Os nomes dos presos citados no texto são fictícios (exceto os que foram extraídos da internet), uma vez que estes não quiseram ser identificados. Será utilizado apenas um codinome para lembrar que o nome do autor daquele depoimento ou entrevista é apenas ilustrativo.

Finalmente, registro que, como pesquisadora, enfrentei algumas dificuldades para ter acesso ao presídio. No início houve restrição à minha entrada, enfrentei indiferença dos grupos voluntários, que me viam como espiã e, logo, se recusavam a me fornecer informações, bem como a desconfiança dos presidiários que quando me respondiam alguma pergunta, usavam respostas curtas ou às vezes, apenas balançavam a cabeça. Como a pesquisa foi realizada na penitenciária masculina, o fato de ser mulher me deixou em situação de desvantagem de acesso aos detentos, pois os agentes prisionais se recusavam a me deixar sozinha com eles e impediam a minha entrada em alas por eles consideradas de alta periculosidade. Algumas vezes, dependendo do agente prisional escalado nos dias de pesquisa, eu procurava subestimar os possíveis riscos de passar boa parte do dia ali, sozinha, e quando os agentes me autorizavam, eu entrava em lugares mais reservados e me esquecia que era do sexo oposto, o que poderia causar qualquer estranheza

naqueles homens. Só depois, percebi o quanto me expus por ignorar os riscos. Confesso, também, que o meu inexperiente contato com o que existia de pior numa cadeia, como superlotação, péssimas acomodações, problemas de relacionamentos, etc, deixaram-me, de certa forma, impressionada com os problemas vivenciados por aqueles detentos, o que dificultou que tais problemas fossem por mim deixados no portão, na hora de retornar para casa.

As visitas aconteceram ao longo de dez meses, semanalmente, em vários domingos praticamente ininterruptos. Foi necessário dedicar outros dias da semana para entrevistar a direção e os funcionários da Agência Prisional para a coleta de informações. O contato com as queixas dos detentos me fez lembrar do que Durkheim propunha sobre a necessidade de o pesquisador deixar de lado suas prenoções, isto é, seus valores e sentimentos em relação ao objeto de estudo. Essa postura exigiu de mim uma certa vigilância, no sentido do não envolvimento afetivo ou da não interferência nos dilemas por aqueles homens no meio em que se encontravam.

No entanto, acredito que algumas situações vividas no presídio não serão esquecidas. Permanecem na memória os cantos dos presos, as orações, os choros, os risos, as palmas, o calor humano. Até mesmo o barulho do portão ao se abrir, o cheiro das alas, as brincadeiras das crianças, os desabafos grafitados nas paredes....

Tais experiências me motivam a dar continuidade ao tema, de forma a buscar respostas para outras perguntas que ficaram no caminho...

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar: de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”. (At 2, 1-4)

I - COMPREENDENDO O PENTECOSTALISMO

Para entender o pentecostalismo é preciso descrever sua designação na origem, ainda que brevemente. O pensamento judaico acerca do *pentecoste*⁴ desenvolveu-se durante o período anterior e posterior a Jesus.

Segundo Coenen (2004, p. 1639), o pentecoste era a segunda grande festa do ano judaico, uma festa da colheita, quando as primícias da ceifa do trigo eram dadas a Javé. Eram celebradas sete semanas após o início da ceifa da cevada (daí “Festa das Semanas”), 50 dias após a Páscoa (daí “Pentecoste”).

A festa do pentecoste era também chamada de festa da colheita, festa das semanas e festa das primícias, que deveria ser observada perpetuamente e todos os homens deveriam estar presentes posto ser considerada uma santa convocação e

⁴ Pentecoste: *Pentekoste* é um substantivo feminino derivado de pentekostos, “qüinquagésimo”. É um termo técnico com o significado de a qüinquagésima parte, isto é, 2%. Para informações complementares, consultar: Coenen: 2004, p. 1638.

um período de santo regozijo. Nela eram apresentados os primeiros frutos do pão. Na verdade, foi no período da festa de pentecostes que os apóstolos de Cristo receberam o Espírito Santo. Por causa destas duas datas, a festa do pentecoste passou a ser observada pela Igreja Primitiva. (Bíblia Nova Vida, 1991, p. 185).

O pentecostalismo recebe esta designação por fazer menção ao pentecoste, momento em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos trazendo batismo espiritual e o dom de falar em línguas. Em Atos 2:1, Lucas coloca o Pentecoste como a data do derramamento do Espírito, fato que marca o primeiro pentecoste cristão, essencialmente influenciado pelas tradições judaicas.

Conforme Coenen (2004, p. 1641), o significado do pentecoste para Lucas, o discípulo de Jesus, era de cumprimento da promessa divina. Lucas, na sua narrativa, ressalta que o pentecoste é o cumprimento da promessa da aliança, visto como a data natalícia da Igreja. Assim, Lucas apresenta o pentecoste como o início da missão mundial por aqueles que testificam os efeitos do derramamento do Espírito.

Visando afirmar a continuidade desse derramamento do Espírito Santo sobre os homens, o pentecostalismo surgiu, nesse sentido, no século XIX, nos Estados Unidos, ressaltando a importância dessa experiência de ser tomado pelo Espírito Santo. Assim, o pentecostalismo pretende mostrar-se teologicamente como o resultado da experiência que os discípulos tiveram com o Espírito Santo e seus dons. “O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da Igreja Cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens” (Sanchis *apud* Antoniazzi, 1996, p. 69).

1 O pentecostalismo no Brasil

Como não há pretensão em fazer estudo sobre a história do pentecostalismo brasileiro, limito-me a um comentário breve sobre o desfecho pentecostal no Brasil para se chegar à sua caracterização.

As primeiras igrejas protestantes que vieram para o Brasil foram a Anglicana (1808), a Congregacional (1855), a Presbiteriana (1859), a Metodista (1867), a Cristã Evangélica (1879), a Batista (1882), os Luteranos de Missouri (1890) e a Adventista (1894). As igrejas evangélicas pentecostais, como a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, foram fundadas no início do século XX, trazidas por migrantes e missionários americanos⁵.

Segundo Paul Freston *apud* Antoniazzi (1996, p. 70), o pentecostalismo brasileiro é compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas: 1) A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais (vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou de cismas da Assembléia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. 2) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é amor (1962). 3) A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representação máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma

atuação inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.

Para evidenciar por que as três ondas surgem nos momentos indicados, o referido autor utiliza alguns fatos chamados por ele de pistas. A primeira onda, nos anos 1910, é o momento da origem mundial e expansão do pentecostalismo para todos os continentes. No Brasil, a recepção inicial é limitada, constituindo menos de 10% dos protestantes de missão, excluídos os luteranos em 1930. A segunda onda, dos anos 1950, começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas no Brasil possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo. O estopim é a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular. Finalmente, a terceira onda, que começa em meados dos anos 1970, após a modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações, quando a urbanização atinge dois terços da população, firmando-se no Rio de Janeiro economicamente decadente, com sua violência, máfias do jogo e política populista (Freston *apud* Antoniazzi, 1996, p. 72).

Freston foi o primeiro autor a fazer a divisão do movimento pentecostal brasileiro em ondas, o que gerou algumas críticas. Mariano (1999), por exemplo, questiona a teoria das três ondas, tornando tal classificação um alvo sujeito a controvérsias:

“Quando dividimos o pentecostalismo em três vertentes, demarcamos suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineamos suas principais características, confrontamos suas diferenças e semelhanças, estabelecemos suas distinções, quando enfim as classificamos, não estamos com isso supondo que tal construção tipológica dê conta totalmente desse universo religioso tão complexo, dinâmico e diversificado. (...) Quanto a isso, cumpre lembrar que tanto os tipos ideais como todo e qualquer aparato conceitual não correspondem a retratos literais ou fidedignos da

⁵ Dados encontrados no Jornal O Popular. Entrevista fornecida pelo Prof.^o Alberto da S. Moreira. Goiânia, domingo, 4 de abril de 2004; p. 10.

realidade, nem a traduzem plenamente. Longe disso. São instrumentos toscos e generalizantes pelos quais procuramos pensá-la, ordená-la e compreendê-la” (Mariano, 1999, p. 47).

Conforme citação anterior, de modo generalizante, a classificação do pentecostalismo em ondas, pode oferecer, portanto, o risco de cometer certos exageros, comprometendo as particularidades das igrejas que compõem tal classificação.

1.1 A terminologia neopentecostalismo

Há diversas teorias e tipologias empregadas nas análises do pentecostalismo, promovendo uma série de estudos sobre o assunto. Juntando, por exemplo, o prefixo *neo* ao termo *pentecostalismo*, há uma variável ramificação de estudos conceituais a esse respeito⁶. A palavra neopentecostal é um termo utilizado pelos pesquisadores para classificar as novas igrejas pentecostais. Portanto, o prefixo “neo” indica a idéia de novo. Fazem parte desta ramificação: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Cristo Vive, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, Bíblica da Paz, Ministério Fonte da Vida, etc.

O termo *neo* acrescentado ao pentecostalismo sugere para quem o estuda uma certa interrogação sobre, por exemplo, o seu ponto de passagem do pentecostalismo para o neopentecostalismo, ou talvez, o momento de seu surgimento. E esse ponto de partida pode residir no rompimento com a velha

⁶ Conforme Campos (1999, p. 49), para se falar desse fenômeno, empregam-se outros termos como “pentecostalismo autônomo”, “pentecostalismo de cura divina”, “evangélicos carismáticos” e outros mais.

proposição pentecostal, quando busca a salvação pelo ascetismo de rejeição do mundo. Dessa forma, os neopentecostais surgem ao assumirem algumas características que os separam do velho pentecostalismo:

“... Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, de status social e dos prazeres deste “mundo”. Em seu lugar pregam a Teologia da Prosperidade, doutrina que, a grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo” (Mariano, 1999, p. 44).

Ao invés de rejeitarem o mundo como os pentecostais, os neopentecostais passam a reafirmá-lo e passam, como diz Mariano (1999, p. 44), a valorizar o aqui e o agora. E, para isso, nada melhor do que ter Cristo no coração, meio infalível de alcançar a vitória sobre o Diabo e obter a retribuição divina agora e sempre.

Outras características dos neopentecostais podem ser encontradas em Ari Pedro Oro (1992, p. 7-9), que emprega o termo neopentecostalismo e o identifica com a expressão “pentecostalismo autônomo”. Ele afirma que as igrejas neopentecostais são autóctones, têm líderes fortes e pouca inclinação à tolerância e ao ecumenismo, opõe-se aos cultos afro-brasileiros, estimulam a expressividade emocional, utilizam-se muito dos meios de comunicação de massa, enfatizam rituais de cura e exorcismo, estruturam-se empresarialmente, adotam técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fiéis ao colocar “no mercado religioso serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento”.

Tais movimentos são considerados ‘autônomos’ segundo Campos (1999, p. 52), em relação às missões pentecostais estrangeiras e ao controle das denominações protestantes ou aos pentecostais clássicos.

Segundo Bittencourt (in Mariano, 1999, p. 34), o pentecostalismo autônomo tem importante função terapêutica baseada na cura divina, na prosperidade e nos rituais de exorcismo, os quais dão “nome aos bois” e culminam na “guerra santa”.

Suas igrejas contêm doses maciças de misticismo incluindo o uso de objetos como mediação do sagrado. Nos cultos, concede liberdade às “expressões emotivas” propiciando catarse individual e coletiva.

Por outro lado, André Corten (1996, p. 65-78) explica que o neopentecostalismo é um fenômeno popular no sentido em que explora a credulidade das massas miseráveis e analfabetas. O autor estuda o contexto emocional a partir dos testemunhos apresentados inclusive na televisão, explicando que o sentido ideológico das pregações dos pastores manifesta-se na medida em que manipulam ao seu proveito os espaços sensíveis e problemáticos dos fiéis.

1.2 Pentecostalismo e neopentecostalismo: diferenças e perspectivas

Para Mariano (1999, p. 37), não são todas as denominações formadas em meados dos anos 70 em diante, ou seja, a partir do possível surgimento de uma terceira onda, que podem ser classificadas de neopentecostais, visto que nem todas apresentam as marcas características desta corrente pentecostal.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor – uma das três igrejas observadas para a elaboração desta dissertação – pode não ser considerada neopentecostal para alguns autores, devido ao seu caráter doutrinário. Mariano critica determinados autores⁷ que classificam indistintamente de neopentecostais as igrejas formadas entre as décadas de 70 e 90.

⁷ Mariano critica numa nota de rodapé o autor Tácito da Gama Leite Filho (1999), taxando-o de não ser criterioso em sua classificação, pois considera neopentecostais igrejas das três ondas, como inclusive a Igreja Pentecostal Deus é Amor. (1999; p. 33).

Seguindo seu ponto de vista, a Igreja Deus é Amor tende a guardar maior proximidade doutrinária e comportamental com suas matrizes – neste caso as pentecostais – do que com o neopentecostalismo.

Apesar de a Igreja Deus é Amor não ser considerada nestes moldes como neopentecostal ela é, dentro de seus elementos litúrgicos, precursora das igrejas neopentecostais. Segundo Moreira (1996, p. 19), diversos elementos da “Deus é Amor” são antecipadores das práticas adotadas pela igreja Universal do Reino de Deus: as obreiras uniformizadas, os exorcismos na frente da assembléia, as “conversas” com o demônio, o grito “queima” para fazer o demônio sair, o ataque feito à umbanda e outros.

No entanto, o caráter doutrinário da Igreja Deus é Amor é mais voltado para os usos e costumes, não se permitindo, por isso, ser enquadrada como neopentecostal. O que a torna diferente são suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção social e seu “*ethos*” de afirmação do mundo (Mariano, 1999, p. 37-38).

Outra diferença característica das igrejas neopentecostais em relação às pentecostais “clássicas” segundo Mariano (1999, p. 159-211), é a teologia da prosperidade, que difere radicalmente do velho ascetismo calvinista pentecostal, porque subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Essa compreensão promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo os neopentecostais, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. O autor também comenta que os neopentecostais estão cientes de que romperam com a tradicional identidade estética pentecostal. Falam disso sem cerimônia. Criticam abertamente os crentes apegados aos velhos costumes. Seus defensores dizem que Jesus veio pregar o

Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico.

Segundo Corten (1996, p. 75), existem outras singularidades que também são próprias das igrejas neopentecostais, como por exemplo, a dispensabilidade de “conversão” por parte dos freqüentadores e o uso sistemático da televisão.

Campos (1999, p. 52), para diferenciar as igrejas neopentecostais, utiliza como modelo, a Igreja Universal do Reino de Deus, explicando que essa igreja é um empreendimento religioso ligado ao surgimento de um capitalismo tardio e a um quadro cultural em que as ferramentas de marketing desempenham um importante papel.

Em relação às perspectivas das igrejas neopentecostais, pode-se acrescentar que elas têm como pretensão a expansão de seus templos.

E para que isso aconteça, Mariano (1999, p. 133-134), comenta que elas investem nos meios de comunicação de massa, na participação política e na distribuição de objetos ungidos dotados de poderes mágicos ou miraculosos com a expectativa de despertar a fé das pessoas. Depois de ungidos, os objetos são apresentados aos fiéis como imbuídos de poder para resolver problemas específicos. Dotados de funções e qualidades terapêuticas, servem para curar doenças, libertar de vícios, fazer prosperar, resolver problemas de emprego, afetivos e emocionais.

Nota-se também que a teologia da prosperidade se encaixa como perspectiva dessas igrejas, pois os seus pastores têm como praxe o hábito de pregar nos cultos a necessidade do dízimo e das ofertas em dinheiro.

André Corten (1996, p. 75) comenta que elas querem o trânsito, ou melhor, querem ser freqüentadas. As igrejas neopentecostais estão geralmente localizadas em lugares de grande passagem (ex. terminais de ônibus). E cinco cultos cotidianos geralmente são organizados.

A versatilidade de seus cultos é uma característica importante das neopentecostais:

“Para a realização da vontade de ir ao templo, o fiel iurdiano não precisa esperar dia e hora apropriados, porque os templos da Universal são uma espécie de “templos de conveniência”, que funcionam das sete da manhã às dez da noite. Em outras palavras, eles atuam como se fossem um “pronto socorro espiritual” ou uma “igreja de conveniência” onde, conforme propaganda, “há sempre um pastor e um milagre que esperam por você”. Há, ainda mais, linhas telefônicas à disposição, um S.O. S. espiritual e a possibilidade de participação , por telefone, dos programas mantidos em emissoras da Igreja, no rádio e na televisão, muitos deles ao vivo” (Campos, 1999, p. 123).

Isso demonstra que elas não esperam que os fiéis venham até elas, mas partem ao encontro dos mesmos, procurando adequar-se ao tempo e ao espaço das pessoas, oferecendo condições de que estes professem a fé não só na igreja, mas no rádio, na televisão, nos hospitais e nos presídios.

Tantas coisas pra pensar...
Tantas coisas pra lutar...
Algumas coisas pra sorrir...
Muitas outras pra chorar...

Quem vai ouvir, a minha voz?
Quem vai enxugar as minhas lágrimas?
Quem?

Tantas coisas pra vencer...
Tantas coisas pra esquecer...
Não há força pra lutar...
Falta coragem pra encarar...

Quem vai ouvir, a minha voz?
Quem vai enxugar as minhas lágrimas?
Quem?

Banda: Oficina G3
Música: Quem
Autor e compositor: Juninho Afram

II - AS IGREJAS EVANGÉLICAS OBSERVADAS NO PRESÍDIO

A Agência Goiana do Sistema Prisional conta com grupos voluntariados de diversas instituições religiosas, tais como católicas, espíritas, evangélicas, entre outras. Dentre as igrejas mais expressivas estão as evangélicas. Tal constatação dá-se pela observação e investigação durante a pesquisa.

Há um fato que não pode ser desconsiderado e que contribui para o esclarecimento de alguns relatos mencionados no decorrer deste estudo: a constatação de uma maioria protestante dentro do presídio não se dá apenas entre os presos, mas entre os funcionários da instituição. O próprio presidente da Agência Prisional Dr. Edemundo Dias ressaltou algumas vezes, durante as conversas

informais e entrevistas, ser ele evangélico e que costuma selecionar para os cargos de confiança profissionais também evangélicos.

Essa expressividade evangélica entre os detentos pode ser destacada em relação aos outros grupos religiosos não somente pela maior adesão de fiéis entre a população carcerária, mas pelo tempo de culto e estrutura física disponibilizada para os protestantes no interior do presídio. No pátio do presídio, por exemplo, existe disposição de espaços que são reservados exclusivamente para a celebração dos cultos evangélicos, o que não se observou para outras instituições religiosas que fazem cultos itinerantes no interior das celas. Há também disponibilização de fiação elétrica e água encanada, bem como a permissão de pequenas reformas e acesso a equipamentos e utensílios necessários para a realização dos cultos, como bancos de madeira, microfones, caixas de som, púlpitos, guitarras, etc.

Dentre as igrejas evangélicas que exercem maior atuação no presídio estão: A Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Pentecostal Deus é Amor e a Igreja Luz para os Povos. Adiante, serão traçadas as características principais de cada uma delas.

2.1 A Igreja Universal do Reino de Deus

“Agradeço à Igreja Universal por acreditar na nossa recuperação e pela oportunidade que estamos tendo de poder ser útil aqui dentro do presídio” (Odair *apud* Oliveira, 2004).

Fazendo um breve histórico, a Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977 nas instalações de uma antiga funerária por Edir Macedo e seu cunhado R. R. Soares, no subúrbio do Rio de Janeiro.

Nessa trajetória, o missionário Romildo Soares era o líder da Universal e seu principal pregador. Sua liderança, contudo, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo. Soares aos poucos foi perdendo terreno no controle da denominação para Macedo que adquiria crescente destaque entre os fiéis e pastores da igreja por meio de programa de 15 minutos que apresentava na Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro. No final dos anos 70, os dois chegaram a um impasse. Macedo, então, para decidir qual deles permaneceria à frente da igreja, propôs que a disputa se resolvesse por meio de votação do presbitério. Macedo venceu o pleito. Soares, compensado financeiramente, desligou-se da Universal para fundar, em 1980, nos mesmos moldes de sua antecessora imediata, a Igreja Internacional da Graça de Deus (Mariano, 1999, p. 56).

Em 1989, a sede da Igreja Universal foi transferida para São Paulo. Neste período, a igreja já se encontrava estruturada financeiramente, adquirindo a Rede Record. Embora nascida com poucas probabilidades de êxito, como várias outras igrejas pentecostais autóctones de sua época, a Igreja Universal do Reino de Deus começa a crescer em passos galopantes. Abrindo igrejas distribuídas em vários estados brasileiros e no exterior, ela começa a assumir um lugar de destaque entre as igrejas de sua categoria.

“O tamanho da IURD é objeto de estimativas discrepantes. Algo em torno de um milhão de membros em mil igrejas servidas por uns 2.700 pastores parece plausível. A expansão geográfica é desigual, com forte concentração no Rio de Janeiro (capital e baixada) e, secundariamente, em São Paulo e na Bahia. É, sobretudo uma religião das grandes cidades. Um pastor explicou com perspicácia as razões do crescimento lento na sua região: a IURD se expande onde há “macumba” e famílias dilaceradas; no interior paulista, o catolicismo tradicional e a estrutura familiar mais fortes prendem as pessoas à sua atual filiação religiosa” (Freston *apud* Antoniazzi, 1996, p. 136).

A Igreja Universal do Reino de Deus é uma das igrejas neopentecostais mais organizadas no Brasil e possui uma ousada estratégia de expansão diversificada,

“... A Universal tem uma visão de penetração da sociedade, um conceito arrojado de missão religiosa. Todo império econômico (e força política) é funcional para a missão religiosa: as televisões (a Record e retransmissoras, e uma participação minoritária na TV Rio), as emissoras de rádio (mais de uma dúzia), o jornal diário (*Hoje em dia*, de Belo Horizonte) e a gráfica para divulgar a mensagem religiosa; uma construtora para erguer os templos; uma fábrica de móveis para mobiliá-los; e um pequeno banco para facilitar as transações financeiras, inclusive para o exterior” (Freston *apud* Antoniazzi , 1996, p. 143).

Embora já tendo arrebanhado muitos fiéis em quase todo território nacional e internacional, a Igreja Universal continua desenvolvendo o proselitismo de sua origem, ou seja, continua na busca de novos fiéis, adentrando em hospitais, aldeias indígenas, presídios, favelas, centros urbanos etc.

Para se chegar ao perfil do líder Edir Macedo, há livros que definem sua perspectiva maniqueísta como, por exemplo, o seu livro “Orixás, caboclos e guias: Deuses ou demônios” (Macedo, 1993), em cuja oportunidade ele define que os cultos afro-brasileiros são demoníacos, explicando que as pessoas que participam destes rituais são contaminadas por aqueles espíritos malignos.

Segundo Edir Macedo, existem alguns sinais que comprovam a existência da possessão demoníaca, elaborando, ele mesmo, uma lista com a seguinte classificação: Nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças que os médicos não descobrem as causas, visões de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão (Macedo, 1993, p. 68-69).

Quanto ao trabalho da Universal realizado na Agência Goiana do Sistema Prisional em 2004, existe um grupo de voluntários da igreja que visita o presídio em Goiânia e é liderado pelo pastor Jorge Mendes.

O templo da igreja fica na Ala C do presídio. A construção foi erguida há aproximadamente três anos pelos próprios presos, que não só disponibilizaram a mão-de-obra gratuita, mas também ofertaram o dinheiro para a compra dos materiais de construção. Antes da construção do templo, os presos realizavam os cultos ao ar livre ou dentro das celas.

Sua arquitetura possui as mesmas características de outras igrejas da Universal. Existe o letreiro na parte da frente com a mensagem “*Jesus Cristo é o Senhor*”, bem como o símbolo da pomba branca.



Ilustração 1: Templo utilizado pela Igreja Universal do Reino de Deus para a realização de seus cultos na Ala C. Fotografia tirada no dia 03/12/2004 na Agência Goiana do Sistema Prisional.

Nota-se que os pastores voluntários ao construírem a igreja dentro do presídio, se preocuparam com a padronização iurdiana. Sobre a padronização dos templos, pode-se tomar como referência as seguintes características:

“Um espaço cênico está ligado a um contexto geográfico, no qual se localizam os templos, locais onde se dá a interação entre os atores, objetos e símbolos. Os templos iurdianos externamente se assemelham muito mais a um salão comercial, cinema ou teatro do que aos modelos arquitetônicos de um templo católico ou protestante na sua fachada nunca falta um amplo painel, contendo em letras góticas, o moto da Igreja: “Jesus Cristo é Senhor”, e logo abaixo: “Igreja Universal do Reino de Deus.” Ao lado, o insubstituível símbolo iconográfico, um coração vermelho e dentro dele uma pomba branca em pleno vôo, ambos estilizados”(Campos, 1997, p. 75-76).

O espaço interno da igreja construída no presídio é confortável, com o uso de ventiladores potentes nas paredes laterais, bancos largos contendo sobre o assento várias bíblias para uso dos visitantes.

No altar, o púlpito é de madeira e possui o símbolo da cruz; no lado direito fica uma mesa com jarras de água e óleo. Nas paredes laterais ficam os obreiros⁸ que são em sua maioria presidiários, utilizando uniformes de camisa branca, calça e gravata cinza. Quanto à postura e à localização, os obreiros situam-se em pontos estratégicos, ficando todos de pé e fazendo um círculo em torno da igreja.

Foi construído no fundo da igreja um tanque de água para o ritual do batismo e os presos que se declaram preparados e desejosos para serem batizados, utilizam uma bata azul como elemento litúrgico.

Curiosamente, os batismos podem ser improvisados, sem haver previamente algum tipo de curso preparatório. Se durante o culto, por exemplo, algum detento atender ao apelo do pastor e confessar arrependimento dos pecados e demonstrar interesse pela conversão e batismo, o pastor providencia naquele mesmo momento o batismo do novo convertido.

As atividades evangelísticas são diárias e possuem dois horários: às sete horas da manhã e às três horas da tarde. Alguns detentos intitulados pastores e obreiros já estão sendo preparados para arrebanhar novos fiéis no presídio. Nesse caso, as investidas se manifestam não somente durante o momento do culto, com o apelo dos pastores e os testemunhos dos detentos, mas também na distribuição do jornal *Folha Universal* para os que andam pelo pátio do presídio, nos convites para

⁸ Os obreiros são aqueles que ajudam os pastores durante os cultos. Podem exercer várias atividades como: distribuição da ceia ou dos elementos sagrados, oração pelos visitantes, organização e limpeza do templo, coleta de dízimos e ofertas etc.

campanhas e correntes de oração ou até mesmo nos convites para os batismos de novos fiéis convertidos.

Como resultado dessa investida proselitista, a igreja recebe aos domingos alguns familiares dos detentos e outros presos que assistem, esporadicamente, às reuniões sem firmarem compromissos mais sérios como a entrega das ofertas e dízimos ou a permanência durante o tempo integral do culto. É comum notar que o culto tem início com poucas pessoas, para logo ter os bancos cheios durante algum tempo e, de repente, torna-se mais vazia quando se aproxima o fim da reunião. Apesar do trânsito religioso, segundo depoimento do pastor Jorge Mendes, a igreja possui como membros assíduos aproximadamente trinta fiéis e existe uma média de dois a seis batismos por mês, embora nem todos aqueles que se convertem e se batizam permaneçam na igreja.

Não muito diferente do que acontece no presídio, pessoas buscam a Igreja Universal em situações de angústia e dificuldades. Na rua ou na penitenciária, ela parece ser o remédio para aqueles que têm fé e que a ela recorrem:

“Vim para a Igreja Universal numa hora em que minha filha casada estava doente e quase se separando do marido (...) minha aposentadoria era muito pouca, e não dava nem para me sustentar, quanto mais para ajudar a minha filha (...) freqüentava a Igreja Presbiteriana, mas não gostava da frieza do pastor” (Viúva, 65 anos, aposentada, três anos de IURD).

“Eu estava cheio de problemas familiares, os filhos doentes, a geladeira vazia só tinha gelo. Perdi tudo. Não tinha religião alguma, mas freqüentava umbanda (sic). Não sabia que estava seguindo satanás” (casada, 30 anos, vendedora, três anos de IURD).

“Minha vida estava complicada (...) minha filha estava envolvida com drogas” (casada, 40 anos, vendedora, um ano de IURD)” (Campos, 1997, p. 200).

No domingo o ritual de exorcismo acontece logo que a pregação é encerrada e o pastor chama à frente todos os participantes para receberem a unção com óleo. No final do culto existe também a coleta de dízimos e ofertas.

Além dos trabalhos religiosos, os voluntários oferecem outros tipos de assistência aos presidiários:

“Freqüentemente, pastores, obreiros e evangelizadores da IURD, através de muito empenho e dedicação, têm visitado os distritos e cadeias públicas e organizado trabalhos que conduzem essas pessoas a exercitarem a fé, e que vão desde reuniões, orações e cerimônias, como por exemplo o batismo nas águas, até o apoio espiritual e também jurídico, concedidos aos presos e seus familiares. Além da "palavra de fé", os agentes religiosos realizam cortes de cabelo, dão assistência aos familiares dos presos e tentam ressocializar aqueles que pensam que foram esquecidos até por Deus (Oliveira, 2004).

Na penitenciária observada – o que não se torna coerente aplicar aos demais presídios em que a Universal faz investidas, porque a pesquisa não se estendeu aos trabalhos feitos pela Universal em outras prisões – a assistência material não é um dos pontos fortes da igreja. Este ponto será comentado no capítulo posterior.

Fazem parte da assistência aos presos: o tempo de aconselhamento pastoral reservado aos fiéis, recados para as famílias pelo programa de rádio da Igreja Universal, além do incentivo pessoal como a seleção de detentos convertidos para a formação de novos obreiros da igreja local, etc.

2.2 A Igreja Pentecostal Deus é Amor

“Sou um presidiário e leitor da Revista Ide, que é muito importante para a minha vida espiritual, principalmente estando eu neste lugar. Tenho fé que Deus vai me tirar deste lugar, para que eu possa servir e trabalhar em sua obra. Recebi a Revista Ide 4 e gostei muito, até me emocionei com o testemunho da irmã Ereni, já li a Revista toda, acompanhando com a Bíblia, estou sempre lendo a Bíblia Sagrada e escutando o Programa Voz da Libertação. Mostrei a Revista para os irmãos aqui, e eles não vêem a hora de lê-la” (Isac *apud* Alves, 2004).

A IPDA foi fundada por David Miranda, quando em 1962, aos 26 anos de idade, estando desempregado, aproveitou a indenização trabalhista para alugar um

local na região de Vila Maria e inaugurou sua própria igreja. Logo mudou de estratégia, alugando uma sala na Praça João Mendes. A base para a expansão da Igreja foi exatamente os transeuntes do centro da cidade de São Paulo. Em 1970, foi inaugurada a sede da igreja na Rua Conde de Sarzedas e, em 1979, adquiriu-se a chamada Sede Mundial, na Baixada do Glicério. A Sede Mundial é um antigo armazém que se tornou o maior templo evangélico do Brasil, com capacidade para 10.000 pessoas. No Brasil, a IPDA reivindicava possuir (em julho de 1991) 5.458 igrejas, 15.755 obreiros e 581 horas diárias em rádios; e dizia estar presente em 17 países estrangeiros (Freston *apud* Antoniazzi, 1996, p. 126 – 27).

Considerando dados mais atualizados, tem-se a informação de que a IPDA está com 8.140 Igrejas, espalhadas pelo Brasil e mais em 136 países de todo o mundo (Alves, 2004).

No presídio, a Igreja Deus é Amor não utiliza a estrutura de um templo para a realização dos cultos. O responsável pelo grupo de voluntários dessa igreja é o pastor Divino Alves que também coordena, em Goiânia, uma equipe de evangelismo da Sede Mundial da IPDA exclusiva para detentos denominada IDE e uma organização beneficente chamada ABAE – Associação Beneficente de Assistência ao Egresso. Segundo depoimento do pastor Divino, seu trabalho no presídio já completou sete anos, contando com aproximadamente 65 membros assíduos, embora muitos presos também participem dos cultos sem firmar compromissos sérios com a igreja.

Dentre as igrejas pentecostais que atuam no presídio, esta é a única que se utiliza de dois locais em alas diferentes para a realização dos cultos. O primeiro local é ao ar livre, fica na Ala C, embaixo de uma árvore – mangueira – , a poucos metros do templo da Igreja Universal.

Os recursos físicos utilizados pelos pastores são bancos improvisados de antigas construções, um púlpito simples de madeira rústica, um microfone e uma caixa de som.



Ilustração 2: Espaço utilizado pela Igreja Deus é Amor para a realização dos seus cultos na Ala C. Fotografia tirada no dia 03/12/2004 dentro da Agência Goiana do Sistema Prisional.

O segundo local é uma tenda, localizado na Ala A, a poucos metros do templo da Igreja Luz para os Povos. Na tenda, foram colocadas cadeiras de plástico em duas fileiras, mantendo um pequeno corredor entre elas para separar os homens das mulheres.



Ilustração 3: Tenda utilizada pela Igreja Deus é Amor para a realização de seus cultos na Ala A. Fotografia tirada no dia 03/12/2004 na Agência Goiana do Sistema Prisional .

Quanto ao vestuário feminino, as fiéis usam trajes diferenciados como saias longas, blusas cujas mangas, no caso das mulheres, vão abaixo do cotovelo e não portam nenhum acessório de beleza, além de manterem os cabelos presos. As

mulheres formam uma pequena minoria no grupo, são geralmente mães, namoradas e esposas dos detentos.

Sobre o traje masculino, os pastores e obreiros utilizam terno e gravata, sem um padrão de tonalidade específica – exceto a cor vermelha – mas não foi observado nenhum participante do culto que não estivesse pelo menos trajando camisa de manga longa e gravata.

Os detentos que fazem a opção de integrantes da Igreja Deus é Amor precisam também fazer a opção de renunciar ao trabalho remunerado na confecção de bolas de futebol dentro do presídio. Pela costura de cada bola, apesar de não ser um emprego formalizado, o preso recebe uma porcentagem em dinheiro⁹. Isso se torna um impasse muito polêmico na instituição, pois o trabalho é uma forma de sustentar a família e ajuda também na redução das penas – a cada três dias trabalhados, um dia da pena é reduzido. No entanto, o Pastor Divino Alves, cumprindo as doutrinas da igreja que representa, não permite tal participação. Por outro lado, o pastor relatou em entrevista que está com um projeto de fabricação de palitos de churrasco visando remunerar financeiramente os fiéis que estão presos, acrescentando que o maquinário e a matéria-prima para a produção já se encontram nas dependências da instituição, faltando para o funcionamento da fábrica apenas autorização da presidência do presídio.

A proibição da costura de bolas como meio de trabalho dos detentos pode ser explicada porque o jogo de futebol e a televisão são vistos como elementos

⁹ Conforme a sra. Ana Maria de Sena, atual funcionária da Agência Prisional responsável pela costura de bolas na penitenciária, a quantidade de presos que desempenham essa atividade chega a aproximadamente 200 pessoas. Quanto ao pagamento pela costura das bolas, o valor que o preso ganha por cada bola é de R\$ 1,00 quando a matéria prima é fornecida pela empresa Goiás Indústria de Artefatos de Couro; e são pagos R\$ 2,00 quando a matéria prima é fornecida pelo Governo de Goiás.

diabólicos e, por isso, proibidos aos membros da Deus é Amor. E quanto ao futebol, há uma justificativa bíblica respaldada pelos pastores: *Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino* (1 Cor 13,11).

Sobre as doutrinas da IPDA têm-se algumas considerações:

“Essa proibição da televisão é um dos traços do sectarismo acentuado da IPDA. Manifesta-se com relação a outras igrejas (nenhuma colaboração, pois são mundanas), à curiosidade social (nada de entrevistas) e à sociedade (fórmulas rígidas de “afastamento do mundo”). Estas evoluíram ao longo do tempo, acentuando-se nos últimos anos. A IPDA hoje oferece uma receita minuciosa e extremamente legalista de vida, com punições estipuladas para as menores faltas. Entre as proibições: brincadeiras de bola para crianças de mais de 7 anos; roupas vermelhas para homens; amigo secreto; jogos de qualquer espécie; o uso de anticoncepcionais; saltos de sapatos de mais de três centímetros, sendo salto fino, ou de quatro centímetros quando o salto for grosso... Para tudo, há punições severas, geralmente suspensão dos privilégios de membro: no caso de masturbação, um solteiro é suspenso por um ano, o casado, dois, e o obreiro casado, três. Algumas proibições são funcionais para manter a lealdade exclusiva e a freqüência assídua. Todo membro tem um cartão, o qual tem que estar carimbado com a assistência a determinados cultos para poder participar da Santa Ceia. Proíbe-se fazer curso de teologia ou aprender tocar instrumento em outras igrejas” (Freston *apud* Antoniazzi, 1996, p. 127-28).

Apesar da rigidez quanto aos usos e costumes e das punições severas para aqueles que desobedecem as doutrinas, conforme foi explicado na citação acima, a Igreja Deus é Amor possui um vasto trabalho de assistência social aos presos. Para aqueles que não trabalham e inclusive que recusam as ofertas de trabalho proibidas pela denominação – como a costura de bola –, a igreja oferece roupas, alimentos, materiais de higiene como creme dental, sabonete, aparelho de barbear etc.

Durante os cultos há um momento que é reservado às revelações espirituais do pastor. Como a IPDA utiliza o espaço aberto para a realização dos cultos na ala A do presídio, os fiéis geralmente formam uma grande roda e o pastor fica no centro,

contando aos membros revelações que recebe do Espírito Santo, exortando seus fiéis e alertando-os sobre as doutrinas da Igreja, afirmando que o Senhor tudo vê e tudo sabe. Neste momento, a pessoa que sente que a revelação é para si, ergue a mão e aguarda a confirmação do pastor. Em cada revelação, curas, libertações, visões e promessas são anunciadas, alguns gritam e saúdam o nome de Jesus, com exclamações de aleluia e glória.

Os batismos são feitos por imersão em água, e como não há um tanque próprio para os batismos da IPDA, os líderes da igreja não fazem batismos com muita frequência.

O pastor Divino relatou num depoimento que não se preocupa em batizar o detento para cumprir formalidades e que realiza poucos batismos no presídio, uma média de dois batismos por ano.

Mas já houve batismos fora do presídio, quando o pastor Divino conseguiu autorização do presidente da Agência Prisional, dr. Edemundo Dias, para batizar em águas correntes, 13 presos recém convertidos com a escolta de agentes prisionais:



Ilustração 4: (ALVES, 2004). Fotografia de um preso se preparando para o batismo em águas correntes.

2.3 A Igreja Luz Para os Povos

“Estou aqui há mais de 10 anos e já tive oportunidade de fugir e não quis. Sou um homem recuperado pela Glória de Deus” (*Romeu*. Detento da Agência Goiana do Sistema Prisional e atual dirigente dos cultos da Igreja Luz para os Povos no presídio).

Surgida em Goiás, a Igreja Luz para os Povos foi fundada pelo pastor Sinomar Fernandes da Silveira. Ele, ainda jovem, aos 21 anos de idade, foi chamado para o ministério pastoral na cidade de Anápolis, no estado de Goiás.

Em 1973, Sinomar assumiu a liderança de um grupo de 39 pessoas no setor Fama, na cidade de Goiânia. Em pouco tempo, a igreja já contava com mais de 100 membros, abrindo congregações em outros bairros da cidade.

A igreja sede continua no bairro Fama de Goiânia e teve o seu crescimento acompanhado pelo o desenvolvimento econômico do bairro local, pois o setor Fama é um centro comercial da cidade, que agrega centenas de lojas e outros empreendimentos comerciais.

Quanto à Igreja Luz para os Povos, para se ter uma noção de seu crescimento – de acordo com as informações do pastor Sinomar Fernandes – só a igreja sede, até o presente ano, já sofreu reformas para ampliação por 21 vezes.

A nomenclatura “Luz para os Povos” foi escolhida, segundo afirmação do pastor, após ter recebido uma visão de Deus, no tempo em que ainda fazia seminário. Atualmente, a igreja conta com núcleos em outras regiões no Brasil e no Exterior, como a Bolívia, Peru, Portugal, China, África e outros.

Também chamada de Igreja da Paz – nome herdado em decorrência da sua aliança de cooperação com a Missão Paz – seus fiéis seguem uma estratégia celular (Igreja em células). Nas palavras do próprio pastor Sinomar, num depoimento escrito, tal procedimento visa a ampliar o número de membros e sua pretensão é que em Goiânia, nos próximos 5 anos, a igreja sede atinja 100 mil membros. Ele ainda aponta o crescimento de outras 20 Igrejas da paz na cidade, portando uma média de 3 mil células de multiplicação¹⁰. Sinomar afirma haver em outros estados brasileiros uma média de 15 mil discípulos formando, ao todo, 88 Igrejas da Paz e 30 mil membros batizados no Brasil.

São pretensões da Igreja Luz para os Povos ¹¹:

- adquirir uma emissora de Televisão;
- adquirir uma Rádio de alcance nacional;
- fundar uma Faculdade em Goiânia – Faculdade Kerygma;
- eleger o Prefeito de Goiânia e vários vereadores na capital e no interior;
- abrir milhares de células no Brasil;
- conquistar para Cristo 10 % da Nação brasileira;
- abrir igrejas em todos os continentes da Terra;
- construir em Goiânia a “Embaixada da Paz” (complexo para milhares de pessoas).

¹⁰ Célula de multiplicação é um termo utilizado pelas igrejas neopentecostais, como é o caso da Igreja Luz para os Povos como uma estratégia de aproximação entre os fiéis, já que a quantidade de membros é praticamente incontável. As células são reuniões realizadas semanalmente nas casas de alguns fiéis, que cedem a garagem ou alguma parte da casa para os cultos. A palavra multiplicação é usada pelas igrejas para manifestar a idéia de que as células se multiplicam à medida que aumenta a quantidade de fiéis, ou seja, uma mesma célula pode gerar várias outras, cujos anfitriões são os próprios integrantes das células originárias.

¹¹ Conforme Sinomar F. Silveira num depoimento escrito na sede da Igreja Luz para os Povos na Igreja Matriz em Goiânia, no Setor Fama, no dia 27 de maio de 2004.

Também chamado de “Apóstolo” Sinomar (título recebido em São Paulo no ano de 2002), em entrevista realizada em 27 de maio de 2004, explica que é neste período o Presidente do Conselho de Pastores do Estado de Goiás, Embaixador da “Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém”, Presidente do projeto “Resgate Brasil” que coordena as maiores conferências Proféticas da Nação e Coordenador geral da Comissão Metropolitana de Cidadania que visa à eleição de um prefeito evangélico para Goiânia.

A Igreja Luz para os Povos possui, conforme relatos do pastor, vários projetos assistenciais em Goiânia, como a Casa de Meu Pai que, segundo o pastor, trabalha com crianças em estado de risco; a Casa dos Idosos; o S.O.S. Paz – Aconselhamento por telefone; distribuição mensal de cestas básicas para familiares carentes da comunidade; a assistência religiosa na penitenciária.

No presídio, no período em que a pesquisa foi realizada, o grupo de voluntários da Igreja Luz para os Povos estava sendo liderado pelo pastor Edson Martins Vieira que, recebeu o convite do presidente da Agência Prisional para trabalhar na coordenação de voluntários na sede da Secretaria de Segurança do presídio.

Para a realização dos cultos, o pastor conta com a ajuda de um preso, que foi consagrado obreiro e líder, chamado *Romeu*, que cumpre pena há 11 anos e acompanha essa igreja desde a sua instalação no presídio.

Em depoimento, o detento *Romeu* explicou que a Luz para os Povos é uma das igrejas neopentecostais mais antigas dentro do presídio. Ela atua nesse local há mais de dez anos e possui atualmente uma média de vinte fiéis assíduos.

Quanto à estrutura física, a igreja ocupa o local de uma antiga cozinha, que foi incendiada há alguns anos durante uma rebelião e reformada posteriormente

pelos próprios detentos através de ofertas com a finalidade de transformá-la num templo, porque antes os cultos eram celebrados num galpão também desativado pelo presídio pelas más condições de uso.

A igreja no presídio aparenta semelhança com uma igreja convencional: o altar fica à frente, há o logotipo da igreja anexado na parede e os bancos são de madeira. Para a realização do culto, a igreja possui caixas de som, microfones, guitarra, violão e aparelho de som.



Ilustração 5: Atual templo utilizado pela Igreja Luz para os Povos dentro da Agência Prisional de Goiânia na Ala A. Agosto /2004. Fotografia cedida por Romeu, presidiário e atual dirigente desta igreja no presídio.

Quanto aos usos e costumes dos fiéis desta igreja, não se observou a padronização da vestimenta com o uso de uniformes como a Igreja Universal, nem mesmo a obrigatoriedade do uso da camisa manga longa e gravata como a IPDA. Ao contrário dessas igrejas, os membros da Igreja Luz para os Povos utilizam trajes mais informais como camiseta e jeans. Mesmo para o uso do púlpito, os dirigentes

dos cultos usam roupas sem muitas formalidades. Em alguns dias de culto foi notada, inclusive, a participação de alguns fiéis que vestiam bermudas e chinelos. Pelo que se pode constatar, os dirigentes dos cultos pareciam não se importar com as vestimentas dos visitantes e os mesmos pareciam não se incomodar com os trajes.

Durante o culto, vários detentos têm a oportunidade de ir à frente para a leitura da Bíblia e de dar testemunhos de acontecimentos que envolvem a vida espiritual. Isso acontecia rotineiramente e parecia ser um momento muito desejado pelos fiéis; às vezes, os dirigentes precisavam inclusive fazer sinais de esgotamento do tempo fornecido para aqueles que se prolongavam no púlpito. Alguns chegavam a chorar, outros pediam para cantar ou ainda para dar conselhos aos demais detentos que visitavam o templo para que fizessem uma reconciliação com Deus.

O espaço interno da igreja não serve apenas para a realização exclusiva dos cultos. Nos horários vagos, nos dias de visita, aqueles detentos que não têm visita familiar preferem ficar dentro da igreja, que por este motivo, não fecha as portas enquanto as visitas não vão embora. Alguns detentos, para se entreterem conversando uns com os outros, levam linha e agulha para dentro da igreja para costurarem bolas cedidas para a realização desse tipo de trabalho.

O interior da igreja também serve para a realização de churrascos e almoços solidários promovidos pela igreja para aqueles detentos que não recebem visitas, ou para aqueles que desejam recepcionar seus convidados. Nos dias de almoço coletivo, os detentos se organizam e dividem as tarefas, como por exemplo, a distribuição dos alimentos e a limpeza da igreja. Quanto aos donativos, a igreja também oferece cestas básicas, roupas e sapatos usados e artigos religiosos, como a Bíblia Sagrada.

“Irmãos, nesta manhã estamos aqui reunidos porque sabemos que
servimos a um Deus.
Deus está neste lugar, amém?
Este lugar não é um lugar bom, mas Deus está neste lugar!
Todos que estão aqui neste lugar podem ter certeza que um dia sairão
daqui e irá mudar a sua vida.
Este lugar é considerado o inferno da terra, este lugar difícil!
Esse Deus tão poderoso pode abrir as portas pra nós!
O mesmo Deus que abriu as portas aqui para nós conhecer a ele é o
mesmo que vai abrir as portas de trabalho pra nós lá fora, pra viver
honestamente, pra ser uma pessoa digna.
Às vezes aqui nós somos considerados os piores homens da face da
terra, por que somos pessoas que cometemos terríveis crimes!
Nós somos excluídos da sociedade!”

(Ezequias, 19/09/2004 – Presidiário e fiel da igreja Luz para os Povos)

III - PRESIDIO: O INFERNO DA TERRA

Torna-se importante explicar o que é e como funciona a instituição prisional para se entender a atuação das igrejas evangélicas em seu interior. O próprio termo prisão, tal como é concebido, denota o seu significado de enjaular pessoas, de contê-las à força e de castigá-las com o uso do poder que é entregue à instituição prisional. Dentre os objetivos aparentes da prisão, podem estar a punição pelo mal causado e a prevenção de novas infrações através da intimidação e a regeneração do condenado por meio de uma pena.

Foucault explica o que é a pena a partir do olhar do condenado:

“Pelo lado do condenado, a pena é uma mecânica de sinais, dos interesses e da duração. Mas o culpado é apenas um dos alvos do castigo. Este interessa principalmente aos outros: todos os culpados possíveis. Que esses sinais-obstáculos que são pouco a pouco gravados na representação do condenado circulem então rápida e largamente; que sejam aceitos e redistribuídos por todos; que formem o

discurso que cada um faz a todo mundo e com qual todos se proíbem o crime” (Foucault, 1986; p. 97).

Em cativeiro, a perda da liberdade e a restrição do espaço físico conduzem o homem a uma vida com diferentes regras de comportamento, fazendo-o deparar-se com códigos e valores estabelecidos internamente por demais integrantes desse local. A vida na prisão altera algumas noções que o indivíduo tem acerca da sua individualidade, tornando-se limitado em muitas questões:

“A roupa da prisão é anônima. Os bens de uma pessoa se limitam à escova de dentes, pente, cama superior ou inferior, metade do espaço numa mesa pequena, uma navalha. Como no cárcere, o desejo de colecionar bens adquire extensão absurda. Pedras, anéis, facas – tudo que é feito pelo homem é proibido numa instituição humana – qualquer coisa, um pente vermelho, um tipo diferente de escova de dentes, um cinto, tudo isso é procurado, ciumentamente escondido ou triunfante exibido” (Goffman, 1996, p. 248).

Foucault (1986, p. 234-35), ao apresentar a prisão como um fracasso de efeitos visíveis, traça as deficiências dessa instituição:

- As prisões não diminuem a taxa de criminalidade: pode aumentá-las, multiplicá-las ou transformá-las, a quantidade de crimes e criminosos permanece estável;
- a detenção provoca a reincidência, porque depois de sair da prisão, têm-se mais chances que antes de voltar para ela, os condenados são, em proporção considerável, antigos detentos;
- a prisão não pode deixar de fabricar delinqüentes;
- a prisão torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinqüentes, solidários ente si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras;

- enfim, a prisão fabrica indiretamente delinqüentes, ao fazer cair na miséria a família do detento.

Vista como lugar de castigo, a cadeia agrega num mesmo lugar vários tipos de problemas e necessidades que, na maioria das vezes, não são resolvidos. Dentre as necessidades mais urgentes, bem como as carências dos detentos podem estar: problemas de assistência judiciária; problemas de saúde; falta de roupa ou agasalho; presos sem nenhum contato com familiares; presos doentes mentais; presos menores de idade; presos ameaçados; presos desejosos de aprenderem mais sobre a sua fé; presos desejosos de alguma celebração de sua fé-esperança de vez em quando; egressos sem apoio e sem emprego (Andrade, 2004).

Sem receber o kit de higiene ¹², aquele detento não pode comprá-lo e o que não recebe da família pode vir a receber através das doações dos voluntários ou dos companheiros de cela. No próximo capítulo, o kit de higiene será analisado como um dos primeiros contatos dos presos com a experiência da conversão.

De acordo com Maria Emília Ferreira (1996, p. 57), o sistema carcerário degrada a saúde física e psíquica do detento nos seguintes aspectos: ele é expropriado de seus pertences, que carregam um significado simbólico afetivo, extensivo do seu próprio ser; sofre indignidades físicas, tem que se despir diante de outras pessoas que lhe são desconhecidas, vive um sistema invasivo, com exposição contaminadora, falta de espaço ligado à mais restrita individualidade, como, por exemplo: banheiros sem porta no mesmo compartimento onde estão

¹² Durante os depoimentos dos detentos, ouve-se falar muito sobre o kit de higiene. Este é um termo comumente utilizado por eles. Segundo a população carcerária, fazem parte deste kit: sabonete, pente de cabelo, desodorante, aparelho de barbear, toalha de banho, creme dental e escova de dente. Eles comentam que há alguns anos, em gestões anteriores, eles recebiam este kit e que atualmente não o recebem mais. A obtenção do kit de higiene fica, portanto, por conta do próprio detento, deixando de ser responsabilidade da direção do presídio.

vários presos, violação das comunicações e castigos não previstos por lei, mas por normas de cada presídio, às vezes com manifestações sádicas ou neuróticas de quem os aplica.

Ora, a detenção penal com o seu slogan de inserção social deve ter por função essencial a transformação do comportamento do indivíduo, visando a sua recuperação. Mas o que se vê, na realidade, são indivíduos com históricos bem mais comprometidos do que tinham antes de entrarem na prisão. São os próprios detentos que a partir dessas condições, chamam o presídio de inferno. Para eles, viver neste lugar parece significar muito mais do que exílio e o cumprimento da pena.

Se antes o preso realizava as mais diversas atividades sociais em diferentes lugares, como ir ao trabalho, ir ao grupo religioso, ir ao médico, estar com a sua família em sua casa, etc., a vida na prisão rompe esta forma de convivência, fazendo com que todos os aspectos de sua vida sejam realizados num mesmo local e sob uma única autoridade.

Para referir-se a esta forma de organização, Goffman utiliza o termo instituição total:

“... Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. As prisões servem como exemplo claro disso, desde que consideremos que o aspecto característico de prisões pode ser encontrado em instituições cujos participantes não se comportarem de forma ilegal” (Goffman, 1999, p. 11).

Torna-se necessário lembrar que na penitenciária estão aqueles que já foram condenados e estão cumprindo a pena estabelecida por um juiz, ao contrario de quem ainda aguarda julgamento na Casa de Prisão Provisória. Dessa forma, o

detento passa a conviver com outros indivíduos também condenados e julgados, separando-se do mundo externo até a expiração de sua pena.

O internado quando recebe sua pena, não mantém mais a expectativa de liberdade em curto prazo por meio de absolvição, passando a contar regressivamente os dias em que ali deverá ficar, dando-se conta de que perdeu alguns papéis em virtude da barreira que o separa do mundo externo.

O novato, ao fazer parte da população penitenciária, precisa adaptar-se aos novos modelos e regras de convivência e obediência. Dentre as leis não escritas estabelecidas entre os próprios presos, aparecem as seguintes:

“Pagar a dívida assumida;
nunca delatar o companheiro;
respeitar a visita alheia;
não cobiçar a mulher do próximo;
exercer a solidariedade e o altruísmo recíproco
conferem dignidade ao homem preso.
O desrespeito é punido com desprezo social, castigo físico ou pena de morte.”
(Andrade, 2004).

Quebrar uma dessas regras implica dupla punição para o detento. Isso porque, punido uma vez pelo crime que cometeu, motivo este que o levou para o presídio, o preso será novamente punido, mas desta vez, pela sociedade carcerária. Dentre as sanções, além do desrespeito coletivo e o desprezo moral, estão as agressões físicas, as rixas internas e as ameaças de morte. E é por isso que no interior do presídio, a direção prefere que alguns detentos fiquem segregados uns dos outros para o não cumprimento dessas ameaças.

Ao se deparar com as novas regras de conduta dentro do presídio, o recém chegado enfrenta também outras dificuldades como a perda da concepção de si mesmo, recebendo estereótipos do grupo carcerário ou dos próprios agentes referentes ao crime que ele tenha cometido.

Goffman explica que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo a primeira mutilação do eu:

“O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas intuições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele” (Goffman, 1996; p. 24).

Conforme Edemundo Dias Filho - presidente da Agência Goiana do Sistema Prisional e superintendente executivo da Secretaria de Segurança Pública de Goiás - o sistema prisional, no Brasil e no mundo, encontra-se em crise e apresenta algumas críticas sobre a sua existência enquanto instituição. Ele comenta numa palestra sobre o Sistema Prisional no dia 03/05/2004 na Universidade Salgado Oliveira, que,

“...O sistema penitenciário está na bancarrota, está no que a medicina explica, por exemplo, num estado terminal, numa UTI, com grandes dificuldades. Eu acredito até que no mundo, não só no Brasil, não só no Estado de Goiás, nem os estudantes de direito e aqueles cooperadores de direito, e mesmo os filósofos, os sociólogos, os antropólogos, ainda não conseguiram uma outra maneira para lidarem com essa questão prisional. Eu mesmo tive a oportunidade de viajar a alguns países e conheço alguns sistemas prisionais” (...) “Mas o Brasil e o mundo ainda não descobriram uma outra maneira de resolver esse problema. Ainda não conseguiram resolver o problema da instituição chamada prisão. Será que esse instituto chamado prisão já não prova que não tem dado resultados suficientes? Será que nós não encontraremos, algum dia, uma outra maneira de resolver esse problema? Eu acho que esta é a grande interrogação: Por que o instituto da prisão está praticamente falido? Ele só não foi substituído por uma outra maneira ou outro mecanismo de controle social porque nós, como sociedade, ainda não encontramos um outro modelo que possa resolver esse problema”.

Se a instituição chamada prisão prova pelos seus resultados que não consegue regredir suficientemente e tratar a criminalidade, tornando-se esta atividade uma tarefa quase impossível, não parece incoerente ouvir dos próprios tutores desta instituição a declaração de sua falência. E como disse Edemundo Dias, a prisão só não foi substituída porque ainda não foi encontrado outro mecanismo de controle social.

Entende-se a partir deste depoimento que, se a prisão por si só está na bancarrota, tem que ser substituída. Ora, mas se ainda não encontraram seu substituto, pode-se, portanto, e de forma inteligível, fazer aquilo que se pôde constatar no presídio em Goiânia: uma instituição chamada prisão que, incapaz de recuperar e re-adequar sua população carcerária dentro dos seus moldes, vê-se obrigada a contar com a intervenção de outras instituições, desta vez, mais influentes e sutis (especialmente a religião), que lhe sirvam de suporte e façam aquilo que ela não consegue e não pode fazer, que consigam que o preso conforme-se com as mazelas que vive dentro do presídio e de certa maneira, lhe dê mais do que suporte espiritual, mas material, social, psicológico e, o mais importante, que seu comportamento não fique ameaçador, mas ao contrário, que ele possa cantar, bater palmas, sorrir, abraçar e agradecer a Deus por estar ali.

E o que é mais vantajoso ainda, é o fato de tudo isso ser de “graça”, sem pesar nos cofres públicos. E é dentro disso que a prisão reconhece que precisa da instituição Igreja, é para isso e por isso que suas portas estão abertas para os voluntários evangelizarem, para que as suas igrejas possam se utilizar do espaço público do presídio para a celebração de seus cultos, inclusive a construção de templos. Longe do adjetivo generosidade está o fator necessidade no procedimento

da prisão em receber e endossar a atuação das igrejas evangélicas em seu interior, cujo assunto, será discutido no quarto capítulo.

3.1 A Agência Goiana do Sistema Prisional

Na entrada principal da Agência Goiana do Sistema Prisional, antes de chegar na guarita policial, há um outdoor com o logotipo do Governo de Goiás que, em letras graúdas, chama aquela instituição de CENTRO DE INSERÇÃO SOCIAL. Mais à frente, há outro outdoor saudando os visitantes, dando-lhes as boas-vindas.

Mas quando se entra naquele lugar e se vê as condições da população carcerária, nota-se que a realidade não combina com a idéia de inserção. Uma pergunta pode ser despertada no visitante: inserção em quê? Será que antes de chegar ali, o indivíduo estava fora da sociedade e agora está em processo de inserção? Basta entrar no interior do presídio para que essas perguntas sejam respondidas.

A atual Agência Goiana do Sistema Prisional, chamada anteriormente de CEPALGO (Centro Penitenciário de Atividades Industriais do Estado de Goiás - autarquia criada pela Lei nº 4.191, de 22 de outubro de 1.962, no Governo Mauro Borges), gerencia atualmente todas as penitenciárias construídas no Estado de Goiás. Nela, encontram-se subordinadas várias unidades prisionais como: Casa do Albergado, Casa de Prisão Provisória, Regime Semi-aberto, Núcleo de Custódia, Penitenciária e presídios do interior de Goiás.

A tabela a seguir, com os dados fornecidos por Edemundo Filho – atual presidente da Agência Prisional de Goiás, fornece uma noção quantitativa sobre a população carcerária na penitenciária ¹³:

AGÊNCIA PRISIONAL <small>AGÊNCIA GOIANA DO SISTEMA PRISIONAL</small>		POPULAÇÃO CARCERÁRIA - AGSP		
C.P.P.	<i>BLOCO I</i>	ALA A	157	
		ALA B	162	
		MULTIPLA	26	
	TOTAL BLOCO I		345	
	<i>BLOCO II</i>	ALA A	151	
		ALA B	151	
	TOTAL BLOCO II		302	
	<i>BLOCO III</i>	ALA F	61	
		ALA B	138	
	TOTAL BLOCO III		199	
	<i>BLOCO IV</i>	ALA A	149	
		ALA B	177	
	TOTAL BLOCO IV		326	
	<i>POSTO DE SAÚDE</i>		27	
	<i>NÚCLEO DE CUSTÓDIA</i>		8	
	TOTAL		1207	
P.O.G.		ALA A	327	
		ALA B	230	
		ALA C	271	
		D-310	73	
		D-320	25	
		LEITO ENFERMARIA	14	
		PÁTIO ENFERMARIA	48	
		BLOQUEADO	92	
		NÚCLEO DE CUSTÓDIA	31	
		MÓDULO DE SEGURANÇA	63	
		CELA DE TRIAGEM	6	
		TOTAL P.O.G.		1180
		<i>C.I.S. - PRESIDIO FEMININO</i>		52
	TOTAL GERAL		1232	
SEMI ABERTO		POPULAÇÃO INTERNA	244	
		TRABALHO EXTERNO	105	
		TOTAL	349	
CASA DO ALBERGADO		ABERTO MASCULINO	98	
		SEMI-ABERTO MASCULINO	29	
		ABERTO FEMININO	4	
		SEMI-ABERTO FEMININO	17	
		APRESENTAÇÃO MENSAL	6	
		APRESENTAÇÃO SEMANAL	0	
	TOTAL		154	
NÚCLEO DE CUSTÓDIA		P.O.G.	31	
		C.P.P.	9	
		INTERIOR ou OUTRAS COMARCAS	37	
		TOTAL	77	
16/04/2004 11:22	TOTAL AGSP		2979	

Tabela 1: Dados Fornecidos pela Agência Goiana do Sistema Prisional no dia 16/04/04.

A unidade em que ficam os detentos já condenados dentro do complexo prisional é chamada de Penitenciária Cel. Odenir Guimarães (também chamada de POG). Ela é dividida por pavilhões, tais como: regime fechado, integralmente fechado, medida de segurança, núcleo de custódia e bloqueado-intramuros

¹³ A Agência Prisional faz contagem da população carcerária diariamente, havendo, portanto uma

formando, no total, uma população carcerária que soma aproximadamente mil e duzentos homens – a quantidade de detentos depende da movimentação carcerária (que varia de acordo com a saída daqueles que já cumpriram pena, transferência de detentos de um município para outro, chegada de novos condenados e, em algumas situações, fuga de detentos).

Dentro dessa unidade penitenciária existem três alas grandes chamadas respectivamente de A, B e C e outras duas alas menores chamadas de 310 e 320 (nestas ficam os detentos que não convivem bem com os demais presos por motivos de rixas e brigas). Além das alas, existe um espaço fechado que recebe o nome de “bloqueado”. Nele, ficam aqueles condenados que já atuaram na polícia, como por exemplo, ex-soldados e ex-bombeiros etc. Há também o pátio da enfermaria, que fica na parte superior da entrada principal da penitenciária, nesse local ficam os presos doentes mentais, os portadores de HIV, os doentes em observação, etc.

Nos dias úteis, de segunda a sexta-feira, a rotina da penitenciária é mais rigorosa e os horários são mais controlados que nos outros dias. Às seis horas da manhã é servido o café da manhã (pão e café), logo em seguida, os agentes prisionais providenciam o encaminhamento dos detentos para determinadas atividades como escola e trabalho, apesar de ambos estarem sendo oferecidos dentro do complexo prisional. No momento da transferência dos presos de um pavilhão para outro com o propósito de encaminhá-los para o trabalho, os agentes controlam a migração, deixam sair de cinco em cinco pessoas de cada vez e estas, ao retornarem, têm seus objetos fiscalizados. Os demais detentos, que formam a maioria que não trabalha e nem estuda, permanecem no interior do pátio.

Quanto ao trabalho, são realizadas diversas atividades, mas não suficientes para todos os presos que estão desempregados, tais como faxina, horta, artesanato, ateliê de pintura, monitoramento visando a auxiliar as assistentes sociais, serviços gerais, oficinas, pequenos mercadinhos etc. Há também dentro da penitenciária um galpão industrial que foi construído para a realização de trabalhos manuais oferecidos pelas indústrias dos setores vizinhos como costura de bola, costura de uniformes, confecção de sapatos, cintos, cabides, filtros, cortina de banheiro etc. Para o ano de 2005, está sendo acordado inclusive, um contrato empresarial entre a Agência Prisional e a indústria Hering, para a fabricação de roupas dessa grife dentro das dependências da penitenciária, visando maior oferta de trabalho aos presos condenados, essas informações estão sendo anunciadas pela mídia e pelos próprios funcionários da instituição prisional.

Embora exista atividade de trabalho na penitenciária, o número de vagas é pequeno em proporção à população carcerária. Quem quer trabalhar faz a solicitação para as assistentes sociais que procuram elaborar uma fila de espera, priorizando aqueles que têm filhos, analisando também o tempo de pena e de permanência naquele local.

Numa conversa informal, nos dias que aconteceram as entrevistas com alguns funcionários da Agência Prisional (no segundo semestre de 2004), a assistente social da penitenciária – Nelcina Martins Alves Neres – explicou que a falta de trabalho é uma das principais queixas dos detentos, além do abandono da família. De acordo com o Capitão Arruda – diretor da P.O.G. – existe, atualmente,

aproximadamente 266 reeducandos que trabalham e o salário varia entre R\$ 200,00 e R\$260,00 reais, sendo que 20% destes valores são repassados para o pecúlio ¹⁴.

Às 11:30 horas o almoço é servido em marmiteix (geralmente a refeição é composta de arroz, soja, abóbora e muito raramente carne). Parte desses alimentos é semeada e colhida na área de plantio da própria Agência Prisional. Entre 16:00 e 17:00 horas o jantar é servido e, em seguida, é feita a contagem dos detentos para o confinamento destes nas celas. Algumas celas têm televisão e são de propriedade dos presos mais antigos. Os funcionários da penitenciária informaram que estão permitindo o acesso de aparelhos eletrônicos dentro da penitenciária. Isso significa que os detentos mais recentes, mesmo os que têm recursos financeiros para adquiri-los, não são autorizados a levar televisores para as celas. Tais informações foram repassadas pelos agentes prisionais e também pelo Capitão Arruda que asseguraram a veracidade desse fato. Mas quando essa pergunta é feita aos presos, alguns demonstram não estarem informados do assunto.

A Agência Prisional permite o acesso de visitantes nos dias de domingo e nos feriados nacionais. Mas os detentos se preparam para o dia da visita com antecedência. Ao meio dia da sexta-feira, eles já começam os preparativos para que as visitas possam encontrá-los num ambiente mais adequado e limpo.

Nestes dias, o pátio é em boa parte ocupado por barracas de lona e plástico, que são montadas pelos detentos com a intenção de receber com mais privacidade os seus visitantes. Logo cedo, no dia de visita, há uma enorme fila no portão principal, são em grande maioria mulheres e crianças, com sacolas volumosas, sortidas de cigarros, comida, revistas, produtos de higiene pessoal, refrigerantes,

¹⁴ Pecúlio é a reserva obrigatória de parte do salário do detento obtida com o seu trabalho no presídio. O pecúlio funciona como uma poupança forçada que é devolvida ao detento no momento da liberdade.

roupas limpas etc. Tudo é cuidadosamente revistado na portaria, vasilhas são abertas e toda a comida é misturada, os produtos de limpeza são esvaziados da embalagem original e são depositados em sacos plásticos, os presentes são abertos, não ficando objetos na sacola sem vistoria. Os que fiscalizam não se preocupam em devolver os objetos às sacolas. A mesma faca que eles usam para perfurar um alimento, para averiguação de objetos proibidos, utilizam também em outros.

Trazer droga para o interior do presídio é um grande risco e quando os visitantes são pegos em flagrante são encaminhados ao Distrito Policial mais próximo. As mulheres são revistadas por funcionárias que olham até mesmo seus trajes íntimos e, quando desconfiam, mandam que os tirem e se agachem para verificar se há corpo estranho na vagina. As crianças e os adolescentes que visitam os pais também passam pela revista do corpo e de objetos.

Quem entra no presídio só pode sair a partir das 14:00 horas, mas isso parece não ser problema e os visitantes não demonstram pressa para sair; ao contrário, ficam até os últimos minutos permitidos pelos agentes prisionais.

Vista como o inferno da terra no olhar do detento – termo comumente pronunciado durante os depoimentos –, a prisão causa situações de isolamento, desprezo e necessidades das mais variadas formas como já foram citadas anteriormente e o consolo da população carcerária está nos dias de visita. O dia liberado para as visitas (que podem ser de amigos, familiares, voluntários e namoradas) não parece apavorante, mas familiar. As crianças brincam com naturalidade e há inclusive um parquinho com uma série de brinquedos que lembram o recreio de uma escola. Nesse momento, a impressão que se tem é que os presos aparentam superar aquele ambiente. Numa das visitas feitas aos domingos, por

exemplo, percebi que havia crianças que brincavam de polícia e ladrão dentro das celas; portando algemas e revólveres de brinquedo, elas simulavam ser personagens reais daquele cenário. No pátio, o som dos cantos evangélicos liderados pelos pastores (que utilizam caixas de som para os cultos improvisados) se mistura com o som das crianças gritando.

Quanto ao comportamento dos presos em relação aos outros, com a segurança dos seus visitantes, parece não haver desacordo entre eles e nem sinais de desrespeito. Segundo Varella (1999, p. 61-2) existem algumas regras estabelecidas pelos próprios presidiários que garantem a integridade física e moral do visitante. Quando um casal passa, todos abaixam a cabeça, não basta desviar o olhar, é preciso curvar o pescoço. Ninguém ousa desobedecer essa regra, seja a esposa, a noiva ou uma prostituta.

Os presos parecem não gostar dos repórteres e pesquisadores, suas reações são silêncio e descaso com as perguntas apresentadas. Mas os mensageiros de Deus são aparentemente bem vindos, até mesmo por aqueles que não apreciam os cultos. A crença na ajuda Divina parece ser para muitos presos a derradeira esperança de conforto espiritual, capaz de ajudá-los a estabelecer alguma ordem no caos de suas vidas pessoais.

3.2 O encarcerado na penitenciária da Agência Goiana do Sistema Prisional

A população carcerária é constituída por uma maioria jovem. Isso se deve não só ao maior número de jovens na população brasileira, mas às dificuldades que eles podem vir a enfrentar a partir do sistema econômico vigente.

Quanto ao perfil etário e social do encarcerado, há uma pesquisa recente realizada pela Assessoria Jurídica da Agência Prisional, cuja divulgação oficial ainda não foi feita, revelando que a idade da população carcerária tende a concentrar-se entre 22 e 35 anos e o estado civil predominante parece ser o de amasiados. Quanto ao grau de instrução e escolaridade, a grande maioria é analfabeta ou semi-analfabeta. Em relação à natureza dos crimes, são registrados, em maior quantidade, o tráfico de drogas, latrocínio e estupro (Informações cedidas pelo Capitão Arruda numa conversa informal no dia 18/10/2004, em seu gabinete).

Em questionário aplicado na Cadeia Pública de Jundiáí, sendo respondido por 111 detentos, encontramos:

a) O que leva uma pessoa a cometer atos contra a lei:

42% - desemprego, necessidades materiais, baixos salários;

16% - uso de drogas;

12% - falta de orientação e apoio e

30% - outros (desajustes emocionais, problemas familiares, malandragem e má índole, más companhias, falta de formação, discriminação, desespero).

b) O que existe de pior numa cadeia:

24% - superlotação;

20% - problemas de relacionamento;

16% - falta de assistência judiciária;

16% - ficar fechado;

14% - ficar sem atividades;

08% - péssimas acomodações e

02% - outros.

c) as maiores dificuldades quando uma pessoa sai da cadeia:

55% - emprego;

43% - discriminação (incluindo-se a família);

02% - outros.

(Andrade, 2004).

Nas conversas informais com os detentos da P.O.G. constatou-se que suas queixas se assemelham em muitos aspectos, como por exemplo, aos dramas da superlotação, da falta de assistência médica, da morosidade da justiça, da falta de

oportunidade de trabalho, do pouco lazer, do descaso das autoridades, da falta de produtos de higiene, da má qualidade da alimentação, dentre outros.

Com o intuito de analisar uma série de fatores relacionados ao olhar do presidiário diante de suas dificuldades e anseios, serão observados alguns agravantes que envolvem a vida física, social, econômica e afetiva dos detentos:

3.2.1 O estigma da pobreza

Percebe-se na penitenciária da Agência Prisional – o que pode ser uma característica comum entre os presídios brasileiros – uma população de maioria pobre e pouco letrada, e não é necessário ser um cientista social para se perceber isso. Os próprios presos têm consciência disso e demonstram esta percepção ao conversarem com os visitantes.

A pobreza e a desigualdade social brasileira podem tornar-se o princípio básico da marginalidade e, por que não dizer, do estímulo para a criminalidade. De maneira geral, o que se pode notar é um certo tipo de culpabilização coletiva dos pobres pela violência:

“...Trata-se de caracterizar toda uma população como perigosa, indigna de confiança. Mas a arma usada e ainda a palavra, acrescida, agora da imagem. Pois os programas televisivos são mais poderosos. As imagens da polícia perseguindo os bandidos, como a matéria diária para alimentar o público, conseguem superar a violência com que se trata a violência. São clara e abertamente preconceituosos, grosseiros e, é claro, violentos.” (...) “Não se vêem mais pessoas. Elas tornaram-se rótulos: vêem-se carentes, favelados, ladrões, menores infratores, delinqüentes, criminosos, bandidos, viciados” (Sawaia et all, 2001, p. 139).

Sob o “estigma da pobreza”¹⁵, tais pessoas são segregadas da vida social e econômica, fazendo parte de uma população que o país cria e segrega, produzindo uma massa de trabalhadores de baixo custo, sem escolaridade e dando-lhes o título de cidadãos, mas de segunda classe.

Isso explica por que o perfil social dos criminosos também ajuda a reforçar essa associação entre pobreza e criminalidade: os autores dos crimes oficialmente denunciados nos jornais e nas estatísticas são, em geral, analfabetos, trabalhadores braçais e predominantemente de cor negra. Segundo essa ótica, é contra a população pobre, estigmatizada que se conduz a prática policial, a investigação e as formas de punição.

Segundo Costa (1997, p. 263 – 4), a prática policial preconceituosa, somada à desproteção das classes subalternas, torna a relação entre a pobreza e criminalidade uma profecia autocumprida. Forma-se, no entanto, um círculo vicioso em que o indivíduo, para ter trabalho, precisa ter domicílio, registro, carteira profissional e uma situação civil legal. Impossibilitado de trabalhar por não cumprir tais exigências, ele passa a engrossar as fileiras de marginalizados que vivem sob constante vigilância policial.

Ao fazer parte da vida da grande maioria dos detentos, a pobreza na penitenciária em questão pode não ser responsabilizada somente pelo fato de tê-los impelido ao crime e evidentemente ao castigo da prisão. A pobreza, por sua vez, não acompanha o criminoso somente até o presídio, ao contrário, é nesse lugar que o detento a conhece melhor. Na rua, em liberdade, ela o incomodava, mas pelo crime

¹⁵ Segundo Costa (1997, p. 264), cada vez mais evidente, a pobreza é estigmatizada, quer pelo caráter de denúncia da falência da sociedade e do Estado em relação às suas funções junta à população, quer pelo contraste com a abundância de produtos, ao qual já nos referimos, quer pelo perigo iminente de convulsão social que para ela aponta.

tentava livrar-se dela. Bem mais impiedosa que outrora, a pobreza torna-se parceira diária de um preso sem recursos. É na cadeia que o preso a conhece bem, porque as carências materiais vividas ali e a impotência do preso em custear sua família lá fora faz com que o ser humano sinta como é viver no submundo chamado prisão, ou melhor, no apelidado inferno terreno.

Sem dinheiro para comprar o kit de higiene, alimentos complementares (o presídio fornece três refeições diárias e o cardápio não costuma ser sortido), remédios, roupas de cama, vestimentas, sapatos etc. o preso vive a mendicância e o abandono dentro da cadeia, tendo como resultado disso a desnutrição, a possibilidade de doenças e a perda da auto-estima.

3.2.2 A superlotação

O drama da superlotação é antigo e intensamente problematizado pelos veículos de comunicação. Quando há reportagem sobre rebelião nos presídios brasileiros, os jornalistas utilizam-se de imagens que denunciam o drama da superlotação, mostrando aos telespectadores verdadeiros aglomerados humanos em que dezenas de homens compartilham desproporcionalmente uma mesma cela.

Dentre as denúncias feitas no Brasil sobre o sistema carcerário brasileiro, encontra-se presente a preocupante superlotação desses estabelecimentos prisionais:

“A superlotação exige regras precisas e obediência entre os presos, sem isso a coexistência se torna insuportável, gerando conflitos, tensões, desconfianças, brigas, vinganças e até mortes. Quanto mais lotado o xadrez, mais briga, porque não existe o menor espaço para a privacidade” (Andrade, 2004).

Falar em superlotação envolve muito mais do que dividir a cela com uma quantidade maior de pessoas do que o programado pelo presídio. Isso significa levar o detento a permanecer em lugares sub-humanos, em cubículos, chegando a fazer revezamentos por dias ou horários para deitarem-se no chão, outros, amarram seus corpos nas grades com cordas e farrapos de pano para dormirem de pé nas celas e não caírem durante o sono, sendo apelidados nos presídios de homens-morcego. Edemundo Dias Filho, presidente da Agência Prisional numa palestra concedida à Universidade Salgado de Oliveira disse que,

“... No ano de 2003, o sistema prisional brasileiro recebeu em torno de 70.000 presos e foram criadas no Brasil, menos de 5.000 vagas. Já existe um déficit de vagas no sistema prisional de cerca de 116.000 vagas, então, acrescido desses 70.000 que nós recebemos agora em 2003, esse déficit de vagas vai para cerca de 200.000 vagas. E já repousa nas mãos das polícias mais de 200.000 mandatos de prisão a cumprir. Então se você somar tudo isso, você pode perceber a realidade do sistema prisional brasileiro. Nós temos um déficit enorme de vagas que não tem a curto prazo a solução, eu diria até a médio prazo, não tem. Há uma superpopulação. A população carcerária vive em celas que, cabem de 8 a 10 pessoas, mas mantêm nelas mais de 20 indivíduos dentro.” (Edemundo, 03/05/04).

Nas palavras de Edemundo Dias, a realidade do sistema prisional brasileiro é grave. O drama da superlotação é um problema difícil de ser resolvido porque há um *déficit* grande de vagas dentro das cadeias e os mandatos de prisão não param de ser produzidos.

Mas na penitenciária observada, segundo informações fornecidas pela Assessoria Jurídica da Agência Prisional, as celas não chegam a formar ainda os “homens-morcegos” porque a direção do presídio diz que tem procurado cumprir devidamente o egresso do detento dentro do prazo firmado, evitando assim, o amontoamento humano.

Outra explicação apresentada por Edemundo é que a instituição penitenciária local (neste caso, não se pode dizer o mesmo sobre as outras dependências da Agência Prisional porque não faz parte da pesquisa), conta com uma quantidade de celas mais compatível com a média populacional se comparada às outras prisões brasileiras, além da rotina criada em sua gestão em manter os presos soltos no pátio durante o dia e fazendo o confinamento deles nas celas somente no final da tarde. Esse fato é para o presidente do presídio uma das vantagens oferecidas em sua administração, que segundo seu depoimento, gera menos insatisfação do preso com a superlotação.

Quanto aos depoimentos dos presos, a superlotação existe. Eles informam que as celas têm uma média de 8 metros quadrados, comportando duas camas para até 7 pessoas juntas.

Mas para eles, a palavra superlotação implica muito mais do que dividir celas com outros. Este parece realmente não ser o problema que mais os preocupa. Em suas queixas, a superlotação está na disparidade também de recursos da prisão em relação à quantidade de presos, ou seja, há uma superlotação de presos para o uso do banheiro, da água encanada, do atendimento médico e odontológico, do trabalho remunerado, do apoio psicológico etc.

3.2.3 O abandono e isolamento

Dentre os castigos não previstos por lei estão a indiferença e a rejeição dos condenados. Numa conversa informal, muitos detentos alegaram o distanciamento das famílias e namoradas. Segregados, depositados e isolados pela sociedade em geral, aqueles homens encontram-se privados das condições sociais e afetivas necessárias à vida.

Em contrapartida, são portadores de carência assistencial e afetiva. Os vínculos mais fortes dos presos são com as mães, mulheres e filhos: mesmo que, quando em liberdade, eles não tenham estado presentes com os filhos não tenham dado muita assistência, quando presos, o sentimento paternal aflora e os filhos passam a fazer parte do seu mundo de referências e preocupações. As esposas e companheiras aparecem como depositárias de amor, mas também porque elas respondem a necessidades físicas, afetivas e sexuais (Andrade, 2004).

Em muitas situações, a indiferença e a rejeição parecem ser continuidades na vida de quem entra na cadeia, ou seja, alguns presos, em seus depoimentos, apresentam históricos de ausência e abandono quando viviam fora do presídio. Outros ainda reclamam que antes de serem presos tinham mulheres e filhos e que com o passar dos anos, as visitas deixaram de acontecer, acarretando perda do contato familiar.

Investigar o aspecto do abandono do preso foi um dos desafios mais difíceis da coleta de depoimentos e entrevistas porque muitos não quiseram falar sobre esse assunto e outros se emocionavam e choravam ao falar da família.

Um fato importante que foi notado dentro da penitenciária é que nos dias de domingo houve a constatação de mulheres da penitenciária feminina estarem visitando a P.O.G; algumas delas mantêm relações afetivas com os detentos. Na busca de informações, os agentes prisionais informaram que pela concessão da direção das duas penitenciárias (masculina e feminina) e do próprio presidente da Agência Prisional, aquelas mulheres que não recebem visitas têm a permissão de visitarem a penitenciária masculina aos domingos, para que estes não fiquem sem oportunidade de uma vida mais sociável, já que existem presos e presas que estão

na penitenciária há vários anos e nunca ou muito raramente receberam visitas de familiares e amigos.

3.2.4 A insuficiente assistência médica

Quem fica doente no presídio tem o direito, garantido por lei, de receber assistência médica, fazer exames e receber medicamentos em situações de necessidade. As doenças mais comuns são aquelas provocadas pelas próprias debilidades das condições físicas do presídio, como deficiência ou ausência de instalações sanitárias, má qualidade na alimentação, falta de ventilação, vazamentos nos esgotos, convívio com ratos e baratas etc.. Tais condições acarretam uma série de doenças que vão desde uma doença de pele ou anemia até uma hanseníase ou tuberculose.

A enfermaria da penitenciária fica na entrada principal, antes do acesso aos pavilhões. Localiza-se mais precisamente no piso superior. Nesse local, há um enorme balcão branco e um enfermeiro fica no atendimento aos presos que ali chegam para as consultas. Este cenário lembra a entrada de um posto de saúde público. Do outro lado do balcão existem algumas prateleiras e armários, nos quais são guardados os estoques de medicamentos. Do lado direito, há um corredor e quem passa por ele se depara com os quartos de internação dos pacientes, sendo que somam um total de 10 leitos. Vale ressaltar que os quartos não possuem portas comuns, mas de ferro e todas são trancadas com cadeados, apenas uma janela na parte superior de cada porta permite a visualização de quem está do lado de dentro. No final do corredor fica a sala de consultas e a sala de fisioterapia. Mais à frente, há uma sala reservada para coleta de sangue. Quanto aos profissionais da saúde, a

penitenciária possui 1 enfermeiro chefe, 3 enfermeiros técnicos e 4 médicos que atendem periodicamente as demandas daquele lugar.

São oferecidos pela enfermaria apenas os medicamentos básicos, como analgésicos para dor de dente, dor de cabeça, dor no estômago etc. além de materiais para curativo. Quando as queixas são mais comuns, são os próprios enfermeiros que atendem e fornecem os medicamentos. Quando há necessidade de atendimento médico, a maioria dos medicamentos não se encontra no estoque da enfermaria. Exames simples como sangue e urina são coletados no presídio e encaminhados para um laboratório e quando os pacientes precisam fazer consultas e exames detalhados, ocorre o encaminhamento destes para o Pronto Socorro de Aparecida ou HGG. Nesse caso, os detentos saem do presídio escoltados por policiais e agentes prisionais.

Não há também um trabalho profilático ativo para a prevenção de doenças como por exemplo, as sexualmente transmissíveis, inclusive AIDS, embora alguns voluntários da área de saúde tenham se empenhado na apresentação de palestras e distribuição de camisinhas – tal situação foi observada durante as visitas aos domingos.

Quanto à enfermaria do presídio, os presos se queixam do atendimento médico alegando que quando chegam a fazer determinados exames, é comum não receberem os resultados e o tratamento da doença não chega a ser levado adiante. Dentre as doenças comuns entre os presos foram observados relatos de tuberculose, hanseníase, gripe, doenças de pele, HIV e outras.

3.2.5 A liberdade nem sempre é a saída

Apesar de representar para o detento o momento mais aspirado de sua estada na prisão, o egresso nem sempre pode ser a saída. Estando preso, o detento vê-se desejoso de sair da cadeia e arrumar trabalho, de poder ir e vir para onde quiser, de reencontrar sua família ou construir uma; sonha com a liberdade.

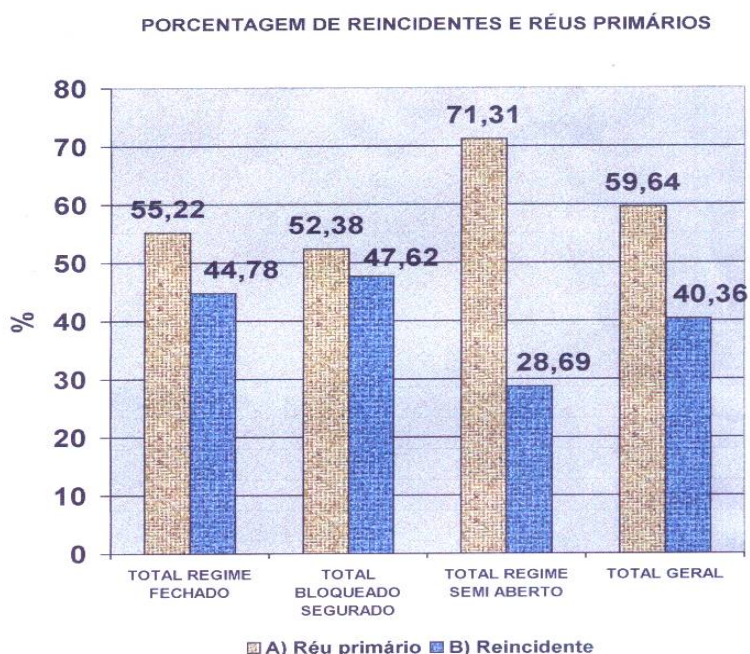
Sem a oportunidade de estudos e de trabalho profissionalizante que lhe sirva de apoio, o fato de apenas sair da cadeia sem um preparo adequado à sua sobrevivência pode não ser a solução. Portas abertas podem não significar muita coisa.

Se enquanto preso, o detento convive com muitos problemas, como superpopulação, abandono da família, doenças, torturas, condições sub-humanas, humilhação, desnutrição etc., quando se torna egresso esse homem convive com outras situações desfavoráveis como desemprego, recusa da família, despreparo profissional por ter ficado muito tempo na cadeia, o estereótipo de ex-presidiário que envolve preconceito e indiferença quando procura trabalho. E o mais grave é que existe o constante assédio para o retorno ao crime que, diante dessas dificuldades, torna-se o caminho mais favorável. É por isso que muitos presos acabam retornando ao crime. Isso é um fato que pode ser comprovado estatisticamente.

Os presídios brasileiros estão com muitos presos reincidentes. O último censo do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), feito em 1995, revelou que 85% dos presos são reincidentes. Em São Paulo - onde vivem 43% dos 240 mil detentos do país - há dados mais conclusivos que os nacionais. Segundo a Secretaria da Administração Penitenciária, 52% dos presos do Estado têm passagens anteriores pela prisão (Saint-Clair, 2004).

Mais precisamente no presídio em Goiânia, segundo dados da Assessoria Jurídica da Agência Prisional, o índice de presos reincidentes computado na última

pesquisa em 1999 por amostragem, foi de 40,36% da população carcerária. Apesar dos dados não serem recentes, o gráfico a seguir indica a porcentagem média de reincidentes e réus primários:



Fonte: Dados fornecidos pela Assessoria Jurídica da Agência Prisional. Pesquisa feita por uma amostragem de 30% da população carcerária no ano de 1999.

Dentre os motivos de reincidência podem estar a carência financeira e o desemprego.

Embora não só em Goiânia, mas em todo o Brasil, existam associações de ajuda ao ex-detento oferecendo suporte mesmo quando ele ainda está na prisão para prepará-lo para o momento do egresso, essa ajuda pode não ser suficiente ou não alcançar seu objetivo.

Segundo depoimento do detento *Josué*, estando ao lado de sua esposa e com um filho pequeno em seu colo, se dizendo freqüentador da Igreja Luz para os Povos, disse que já cumpriu pena uma vez, por assalto à mão armada, mas acabou voltando para a penitenciária por cometer novos crimes, alegando não ter suportado as dificuldades que precisou enfrentar, já que não conseguia trabalho e recebia

muitos convites de amigos para fazer furtos. Em seu relato, o preso reclamou que não está sendo ajudado profissionalmente pela cadeia e que o único curso fornecido pela penitenciária no cumprimento da primeira pena foi o de enrolador de motores, curso que, durou apenas cinco dias. Além disso, o diploma do curso lhe foi entregue sem que ele tivesse recebido aula prática. *Josué* comenta que esse diploma não o ajudou quando saiu pela primeira vez. Agora ele está sendo alfabetizado na escola da penitenciária e completa seu desabafo dizendo que a única esperança que ele deposita em relação ao seu futuro é em Deus e na família.

Em São Paulo, por exemplo, nas penitenciárias de São Vicente, foi criada em julho de 2001 uma Associação de Assistência à Ressocialização (AAR) que busca oferecer assistência material, social, profissional e psicológica aos ex-detentos. (Vasconcelos, 2004).

Em Goiânia, a Igreja Pentecostal Deus é Amor apóia uma associação de ajuda ao ex-presidiário no município de Aparecida de Goiânia. A ABAE (Associação Beneficente de Assistência ao Egresso) tem o pastor Divino Alves como organizador e presidente.

Conforme informações cedidas pelo pastor Divino Alves, a associação foi oficialmente fundada no dia 22 de abril de 2003. Anteriormente chamada de ABAEP (Associação Beneficente de Assistência ao Ex-Presidiário), a associação precisou mudar de nome porque o termo ex-presidiário não foi bem recebido pelos moradores vizinhos. O nome passou a ser ABAE, isso porque os moradores do bairro representados por dois vereadores do município requereram, junto à prefeitura, a retirada da sede da associação do local, alegando que os moradores estavam sendo prejudicados. Segundo o pastor Divino, o preconceito das pessoas começou a existir antes mesmo do funcionamento da associação e piorou quando ex-presidiários

começaram a chegar no local, fazendo com que a população denunciasse inclusive nos rádios e jornais, que a criminalidade no bairro havia aumentado depois que a instituição iniciou o seu funcionamento.

Em entrevista com o pastor Divino, foi dada a informação de que a ABAE não é mantida diretamente pela Igreja Deus é Amor, inclusive o local de funcionamento é de propriedade do pastor e que a associação é mantida também por outros associados que são, em sua maioria, ex-presidiários. Ele ainda explica que a ABAE visa a oferecer as seguintes atividades aos egressos da Agência Prisional que recorrem à sua sede:

- Indicação de advogado para atuar juridicamente em processos criminais de interesse do egresso;
- Carta de recomendação para as empresas interessadas na contratação de egressos;
- Realização de casamentos;
- Repasse de cesta básica, produtos de higiene, roupas e calçados;
- Passagens de ônibus para os egressos procurarem trabalho;
- Oferta religiosa e aconselhamento pastoral;
- Dormitório temporário para quem não consegue moradia.

Na entrevista, o pastor Divino ainda completou que dentre as dificuldades do egresso estão: a rejeição da família, o processo de readaptação ao convívio fora da cadeia, a discriminação, a ausência de recursos financeiros e de local de moradia.

O pastor Divino admite que a colaboração da ABAE é insuficiente e que são poucos os presos que o procuram se comparados ao percentual de egressos da

Agência Prisional, afirmando que os recursos que possui não seriam suficientes para todos devido ao pouco apoio que tem conseguido atualmente.

Quanto ao momento do egresso, as dificuldades são grandes; parece não ser simples o retorno ao convívio social fora da prisão. Se para o cidadão que nunca foi preso encontrar trabalho tem sido uma tarefa difícil, para o cidadão que tem o estereótipo de ex-presidiário, encontrar alguém que o reingresse no mercado de trabalho é algo mais difícil de se conseguir. Não é só o preconceito que o impede de trabalhar, mas a desqualificação profissional, a invalidação de seus documentos, porque estando preso, o detento sequer vota precisando, quando egresso, regularizar seu título eleitoral, recadastrar seu CPF, etc., além da falta de recurso para procurar trabalho, porque muitos não têm dinheiro nem para o ônibus.

Segura na mão de Deus...

Segura na mão de Deus...

Pois ela, ela te sustentará!

Não temas, segue adiante e não olhes para trás!

Mas segura na mão de Deus e vai...

(Trecho de uma música comumente cantada pelos presos durante os cultos pentecostais na Agência Prisional).

IV - A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO PRESÍDIO

Partindo dos modelos teóricos da sociologia da religião – dentre eles Durkheim, Weber, Malinowisk e outros – que compreendem o ser humano como naturalmente religioso, pode-se ter uma explicação sobre a constatação do fenômeno religioso dentro do presídio. Sobre o homem primitivo e a sua religião, por exemplo, Malinowski diz que todos os povos possuem religião e magia, por mais primitivos que sejam; e todas as raças possuem atitude científica ou ciência. Diz também que em todas as sociedades estudadas foram detectados “dos domínios perfeitamente distintos, o Sagrado e o Profano; por outras palavras, o domínio da Magia e da Religião e o da ciência” (1988, p. 19).

Se forem as próprias experiências humanas que atraem o homem à religião, elas podem estar sendo motivadas por certas situações que ele encontra em sua vida, como doenças, depressão, solidão, crises financeiras, etc. Isso procede porque tais experiências relembram ao homem a sua impotência diante das situações, impelindo-o a procurar na religião, uma conexão com o mundo sagrado, para conseguir condições de enfrentar as dificuldades humanas. Por esse motivo, o homem repetidamente busca no rito uma forma de se manter no cosmos, ou seja, o rito tem a função de recomeçar o tempo sagrado.

Recomeçando nas igrejas evangélicas o momento sagrado, o tempo profano para o preso torna-se finito, porque lá ele se aproxima do que é santo, bem como adquire a esperança de ser finita a fase vivida na prisão.

A partir dessa percepção será feita uma conexão entre a religião e a prisão, exatamente no ponto em que interessa particularmente ao detento.

Dessa interligação, a religião será observada como a saída para aqueles que vêm na igreja um mecanismo de perspectivas para os dramas e as angústias da população carcerária observada.

Diante de tudo isso pode-se perguntar: Como, para quê e por quê essas igrejas repercutem na vida daqueles homens? E por que eles aderem às suas doutrinas, e, também desejosos de receber algo em troca, participam de seus ritos e acreditam em seus discursos? Para responder a essas questões, principalmente a atuação das igrejas na vida dos detentos, será preciso fazer um apanhado das principais contribuições oferecidas pelas teorias sociológicas com enfoque nas situações que foram observadas dentro do presídio.

4. 1. A atuação da religião no presídio

A vida no presídio oferece o mínimo possível de proteção e conforto. Como resultado disso, os detentos experimentam uma crescente situação de incerteza em relação ao futuro. E é dentro desse aspecto que a religião se mostra como saída para quem está preso.

Numa conversa informal com Kátia Cristina Costa (funcionária da Secretaria de Segurança e responsável naquele período pelo acesso dos voluntários ao presídio de Goiânia), ela informou que a religião é para seu trabalho um aspecto muito importante, ressaltando que os pastores voluntários abrem novas possibilidades de crescimento aos detentos e estimulam a auto-estima deles.

Nessas condições, a instituição prisional parece precisar de parceria das igrejas e de outras instituições que lhe sirvam de apoio, porque sozinha, ela é uma instituição que não tem um caráter socializador, mas punitivo.

Vendo-se como útil dentro do presídio, as igrejas procuram oferecer uma ação terapêutica, cujas sensações, ao serem praticadas numa instituição fechada, são percebidas como algo muito valorizado entre os detentos.

Essas sensações procuram despertar aquilo que o presídio não consegue oferecer, que é liberar entre aqueles homens, um sentimento acolhedor, oferecendo proteção e conforto espiritual.

No momento em que antecede a chegada dos voluntários pentecostais, por exemplo, muitos detentos que se preparam para o momento da visita, trocam o momento de isolamento pela proteção religiosa oferecida por aqueles visitantes. A bíblia debaixo do braço do fiel que transita pelo pátio do presídio parece ser, aos olhos de quem assiste, um sinal de satisfação e motivo de exibição aos colegas não convertidos.

Aparentemente bem relacionados aos presos, os voluntários¹⁶ – dentre eles estão os grupos pentecostais que formam a maior parte – costumam levar algumas doações aos presos. Quanto ao grupo evangélico, além da Bíblia e dos folhetos, principalmente nos dias de domingo, distribuem alguns itens básicos de higiene como sabonetes, cremes dentais, desodorantes, aparelhos de barbear, roupas, sapatos, alimentos e presentes, que são bem recebidos pelos internos. Isso explicita, portanto, que além do fator religioso, a visita pode oferecer benefícios assistenciais, psicológicos, materiais e afetivos.

Em conversa com os presos, ouvi alguns relatos sobre a ajuda material que recebem das igrejas e que garantem a higiene de alguns desses homens, de que dependem da igreja não só pela assistência religiosa, mas também pela assistência social, através da doação produtos de higiene pessoal. Alguns chegaram a comentar que se não fosse feita a doação desses itens pelas igrejas pentecostais, não teriam condições de adquiri-los porque não recebem visitas familiares e também porque o presídio não dá esses produtos a eles.

Mas cabe aqui a exposição de duas ressalvas: em primeiro lugar, não são todos os grupos evangélicos que foram vistos fazendo doações e, e em segundo, essas doações não são realizadas rotineiramente, em todos os domingos. Em relação à Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, apesar de ela evidenciar inclusive em site eletrônico¹⁷ a realização de trabalhos solidários em vários presídios

¹⁶ O grupo de voluntários é cadastrado na Secretaria de Segurança da Agência Prisional por meio de um formulário que é primeiramente preenchido e levado para análise. Neste questionário, a pessoa deve anexar cópia de seus documentos pessoais, comprovante de endereço, tipo sanguíneo, referência de duas pessoas conhecidas, carta de apresentação da igreja e outros. Dentre os voluntários estão pastores, obreiros, mães e mulheres dos detentos, ex-presidiários etc.

¹⁷ Segue o site da Igreja Universal do Reino de Deus: <http://www.igrejauniversal.org.br>. Neste site consta a divulgação dos trabalhos voluntários da Universal em presídios.

brasileiros, como plantações de hortas, cortes de cabelo, cesta básica etc., não foi observada, durante a pesquisa, doação feita por parte desta, pelo menos no presídio em Goiânia. Mas os detentos reparam isso. Em alguns depoimentos, os presos recém-convertidos chegaram a declarar que se continuassem a não receber ajuda material da igreja, abandonariam a fé. Outros chegaram a dizer que estavam pensando em mudar de igreja para ter ajuda material. Nesse momento, torna-se oportuno dizer que a igreja que recebe a maior frequência de fiéis é aquela que faz maiores doações no presídio – que no caso é a Igreja Pentecostal Deus é Amor.

Vendo pelo olhar de Weber (1991, p. 293), o fato acima parece ser uma questão de resultados, ou seja, a igreja que ajuda mais, parece ser a que recebe maior quantidade de fiéis. Sobre isso, Weber explica que não é somente o mago que tem de provar seu carisma, mas também o deus, que precisa provar o seu poder. O funcionamento da religião utiliza o formato do “toma lá dá cá”. Se o mago não corresponder às expectativas, o indivíduo pensa em abandonar esta religião.

Analisando sociologicamente, nota-se que ocorre uma troca de interesses. Esse “toma lá dá cá” é a transferência recíproca de necessidades expressas pelo detento e pela igreja.

De um lado está o detento que precisa da igreja para ajudá-lo materialmente (porque não tem dinheiro, não trabalha, o presídio não lhe oferece tal ajuda e a família que em vários casos não o visita para ajudá-lo), que precisa da cura da doença por meio sobrenatural, porque a assistência médica do presídio é caótica, que precisa de entretenimento porque lá na igreja ele envolve o seu tempo com atividades do culto, goza de maior prestígio social em suas relações com outros detentos, incrementa seu status social porque fala ao microfone, canta, dá testemunhos, dá conselhos aos outros, redefinindo-se à frente dos outros como um

ser transformado e não mais moralmente marginalizado. Isso garante um sentimento familiar uns com outros, substituindo os laços familiares perdidos, em que se chamam uns aos outros de irmãos e abraçam-se, oram juntos, etc., o que oferece segurança e confiança de que Deus cuidará da sua estada no presídio, dando conforto e coragem para transformar as situações difíceis. Enfim, o preso busca uma série de outras necessidades que podem ser supridas pela igreja, mesmo que de forma sumária.

De outro lado está a igreja que precisa do detento para preencher seus bancos bem como de seus familiares que ali vão visitá-lo, que por sua vez, podem se converter e passar a praticar a mesma religião nos seus templos lá fora, garantindo o crescimento de fiéis não só dentro da igreja local, mas também das tantas outras igrejas próximas às residências dos visitantes, favorecendo o trabalho de outros pastores da sua denominação. Esse proselitismo faz nascer a dúvida sobre a estratégia solidária da igreja no presídio e a revelação de seu repertório visando retornos oportunos, até mesmo porque expressando também seus preconceitos contra outras religiões, como a afro-brasileira, as igrejas pentecostais também evitam o foco de crescimento daquelas religiões a partir do presídio, garantindo assim, a oposição religiosa dentro e fora dele. Isso leva a crer que oferecendo aos presos o que eles estão desejosos por adquirir na cadeia, as igrejas evangélicas geram a oportunidade de novos agentes, como obreiros e pastores, cujo empreendimento convalida a ação de novos líderes de suas igrejas. Mas isso não pode ser visto de forma pejorativa. Não se deve esquecer que, de fato, a igreja dentro do presídio, para que sobreviva em suas dependências, precisa incorporar um estilo peculiar e adequado ao que o detento vivencia em seu dia-a-dia, devendo dessa forma, atender às suas necessidades.

A igreja pode assumir então, dentro de sua estratégia solidária, o papel de uma instituição preocupada em ser uma comunidade integradora, voltada para a participação social do grupo:

...”Pois recebe “indivíduos-fora-do-mundo” e envia de volta para a sociedade “indivíduos-no-mundo”, agressivos, tenazes, dispostos, otimistas, desejosos de assumir a parte, que pensam lhes caber, na distribuição de riquezas e benefícios desse “estar-no-mundo” (Campos, 1997, p. 136).

A citação acima faz sentido quando no momento do culto no presídio, alguns detentos chegam a testemunhar os motivos que os levaram àquele lugar, reconhecendo-se fracos e carentes do elo religioso proposto pela igreja, reconhecendo que se encontravam nas garras do diabo - como “indivíduos-fora-do-mundo” - e que somente a igreja é capaz de enviá-los para a sociedade como servos de Deus - “indivíduos-no-mundo”. Nesse caso, a religião no cotidiano do presídio torna-se algo plausível e necessário na vida destes fiéis.

Pode-se notar que a religião funciona como uma admissão de fraqueza por parte do indivíduo que a reconhece no culto religioso, oferecendo-lhe segurança para a vida diária. Sobre a insuficiência do ser humano e a admissão de sua impotência tem-se a seguinte referência:

“Talvez no caso da religião mais do que em todos os outros casos, porque a religiosidade não é, afinal, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender.” (...) “A desconfiança de que há coisas que os seres humanos não podem fazer e coisas que os seres humanos não podem compreender quando entregues a seus próprios juízos e músculos, não obstante estendida pelos dispositivos que eles podem inventar usando os mesmos juízos e músculos que foram dotados, dificilmente é afastada, algum dia, do nível da consciência: mas não muito freqüentemente ela alcança esse nível” (Bauman, 1998, p. 208-9).

Compreendendo que as situações que envolvem um presídio no terceiro milênio e a vida pós-moderna sugerem a “insuficiência do homem”¹⁸ face aos seus anseios, a religião aparece como um sistema capaz de responder ao sofrimento e à ameaça de colapso dos valores morais.

Fazendo uma conexão entre neopentecostalismo e sociedade pós-moderna, a autora Maria Lúcia Montes explica que, desencantado com o mundo moderno, torna-se necessário ao homem recorrer a um ‘outro mundo’ para ainda atribuir sentido ao que lhe ocorre nesta vida.

“Hoje, portanto, numa sociedade cada vez mais dessacralizada, mais centrada no indivíduo e regida pelas regras do mercado, outras instituições e práticas, firmemente ancoradas *neste mundo*, responderiam em grande parte a essas demandas – da psicanálise ao consumo compulsivo compensatório, da busca do prazer e do lazer às drogas, como gostam de intentar os psicólogos -, deixando a cargo de cada um a tarefa de encontrar num campo religioso também ele aberto às vicissitudes do mercado pelos próprios caminhos e respostas, que sempre compósitas, às poucas questões para os quais não encontra neste mundo outras já dadas e igualmente satisfatórias” (Montes, 1998, p. 72).

Segundo O’Dea (1969, p. 61) o ato de culto é um ato social de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e ao fazê-lo reforça sua solidariedade e reafirma seus valores.

A assistência religiosa é um dos direitos adquiridos pelos presos, assegurada pela Lei de Execução Penal:

Artigo 24 - Da Assistência religiosa: A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-se-lhes a participação nos serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

§ 1-º No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos.

¹⁸ Bauman (1998, p. 226) explica que há uma forma especificamente moderna da religião, nascida das contradições internas da vida pos-moderna,, em que se revelam a insuficiência do homem e a futilidade dos sonhos de ter o destino humano sob o controle do homem.

§ 2-º Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar da atividade religiosa.

Artigo 41 – Constituem direitos do preso: ...VII – assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa (Gomes, 2003, p. 112 - 535).

Quanto aos direitos e deveres do preso, o instituto prisão em Goiânia parece estar bem servido. No que diz respeito ao direito da assistência religiosa, pelo menos para as igrejas pentecostais, que gozam da legalidade prometida pela constituição. Em relação à assistência material, à saúde jurídica, educacional e social, parece haver algumas significativas lacunas, como as que já foram citadas no segundo capítulo.

E no que diz respeito à liderança das igrejas, os pastores assumem um papel importante. Durante os cultos procuram liderar os fiéis e adequá-los aos moldes da igreja, cumprindo os interesses e a proposta pentecostal:

“Mas para ser bem sucedido, o pastor deve por meio de sua ação integrar as práticas, anseios e expectativas, que se acham dispersos na platéia. O “bom pastor” é aquele que consegue provocar em seu auditório emoções, uma participação contínua nos cultos e nas “campanhas de fé” e na decisão de se envolver em compromissos financeiros mais ou menos permanentes, na Igreja. Ele é admirado e querido pelo auditório, não porque fale corretamente a língua pátria ou porque use um discurso, que denote sabedoria, mas sobretudo, pelos resultados de sua “intimidade com Deus” (Campos, 1997, p. 101).

O pentecostalismo, bem como a religião em si, torna-se instrumento de conexão dos detentos com o mundo social. Desta forma, a religião torna-se um elemento agregador entre os indivíduos, ajudando-os a viver:

“O fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal” (Durkheim, 2000, p. 459).

Como explica Durkheim na citação anterior, a religião assume papel importante para o detento quando ele sente em si mais força para enfrentar as dificuldades da prisão e acredita-se salvo do mal, cuja maldade é representada pelos riscos que são apresentados naquele lugar.

Sobre a plausibilidade da religião, Bauman (1998, p. 208-9) afirma que a religiosidade não é, nada mais do que a intuição dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender. O referido autor é um dos que não acreditam que o ser humano é naturalmente religioso, acreditando que a religião é, na verdade, a consciência da insuficiência humana, ou seja, refere-se à consciência humana de sua impotência e fraqueza.

Com base na idéia de Bauman, pode-se fazer uma relação entre a efervescência religiosa das igrejas pentecostais e a mensagem de que o indivíduo humano não é auto-suficiente e não pode ser auto-confiante. Não se pode condenar a si mesmo, pois ele precisaria ser guiado, dirigido e informado do que fazer.

Girard (1998, p. 333) faz a analogia de uma comunidade com um único navio perdido em um oceano sem margens, ora pacífico e sereno, ora ameaçador e agitado. E a primeira condição para não naufragar é conformar-se com as leis de navegação impostas pelo próprio oceano. Mas a mais extrema vigilância não garante que se flutuará para sempre: o casco faz água e é preciso impedir que a água tome todo o navio, repetindo os ritos...

4.2 A vida do detento e a figura de Jesus

A proximidade do detento com a religião é vista de certa forma pelos presos como possibilidade de consolo e empatia com o sofrimento de Jesus no cárcere.

Através da observação de algumas pregações realizadas no presídio pelas igrejas evangélicas, Jesus parece não colocar em evidência, nem a culpa, nem a condenação sobre os detentos, mas a possibilidade de uma nova vida, na transformação do homem.

Nesse caso, o preso recorre aos textos sagrados como uma forma de encarar a si mesmo, como uma forma de provação semelhante à de Jesus Cristo.

Percebe-se que em diferentes grupos pentecostais, os pastores utilizam em suas mensagens relatos evangélicos que lembram o sofrimento de personagens bíblicos que vivenciaram a experiência do cárcere, como o próprio Jesus Cristo. Algumas citações bíblicas são pronunciadas como por exemplo, Mt 25, 35-36: *“porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me”*. No momento da evangelização, torna-se claro que Jesus não os coloca em condenação nem em culpa, pois os seus pecados podem ser perdoados, dando a total possibilidade de renascimento a uma nova vida, no perdão e no amor. Dessa forma, o Jesus também marginalizado se solidariza com os seus companheiros de suplício, garantindo a eles uma posição de compaixão: *“hoje mesmo estarás comigo no paraíso...”*

Esse discurso leva o pensamento do detento a esperar de Jesus uma semelhante compaixão, garantindo-lhe a promessa de gozar do paraíso celestial:

“Jesus Cristo mesmo falou, não se turbe o vosso coração, credes em Deus e credes também em mim, na casa de meu pai há muitas moradas. Irmãos, Jesus Cristo foi preparar um lugar para que nós, iremos morar com ele na Glória, mas para isso, irmãos, nós temos que enjeitar este mundo de horror, para isso nós temos que fazer a vontade do nosso Senhor e salvador, amém? De onde vem o socorro? Na bíblia diz que o meu socorro vem do Senhor que fez o céu e a terra, amém? O nosso socorro irmãos só vem do Senhor... Tem muitos que confiam em carros, outros em cavalos. Tem muitas pessoas que confiam também no seu próprio braço. Tem muitas pessoas

que confiam no seu próprio amigo, na sua arma que está na cintura. Há um Deus, meu irmão, que não te abandona por nada. Ainda que o mundo inteiro se levanta contra você, meu irmão, se você estiver sobre esta rocha que é Cristo, nada vai te abalar. Ainda que você ande pelo vale da sombra da morte, meu irmão, o Senhor estará do teu lado, o Senhor está do teu lado, amém?” (Gravação feita no dia 26/09/04 - depoimento feito no altar da igreja pelo líder *Romeu* da Igreja Luz para os povos).

Conforme foi ilustrado no depoimento, os integrantes das igrejas pentecostais parecem depositar muita confiança em Deus quando falam das dificuldades vividas no presídio. Durante as pregações, é comum ouvir nos discursos dos pastores e dirigentes dos cultos, frases que contenham adjetivos como socorro, confiança, fé e salvamento. Estas palavras compõem as frases que fazem parte do dia-a-dia daqueles que querem consolar os presos.

4.3 O uso dos ritos: garantir o sagrado e confortar os fiéis

Eliade (1992, p. 82-84) explica que o tempo sagrado é reversível, indefinidamente recuperável e repetível, isto quer dizer que o homem religioso vive em duas espécies de tempo, que são o sagrado e o profano. Ele explica que a duração do tempo profano é suscetível de ser ‘parada’, pela inserção, por meio de ritos, de um tempo sagrado, como acontece nos templos pentecostais.

Se o sagrado e o profano são duas modalidades de ser no mundo e duas situações existenciais assumidas pelo homem, o autor explica que há espaços sagrados e não sagrados:

“Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, descalça as sandálias; porque o lugar onde te encontras é uma terra sagrada.” (Êxodo, III,5). Há portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo – e há outros espaços não

sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma: amorfos” (Eliade, 1992, p. 35).

Nas observações, os pastores evangélicos parecem alertar os presos sobre a importância da assiduidade nos cultos e campanhas, isso evidencia a necessidade de buscar sempre o sagrado, pois percebendo o mundo cercado de coisas profanas, eles sentem a necessidade de buscar nos cultos a renovação da santificação espiritual. Assim, as correntes são refeitas e os ritos são novamente dotados de poderes celestiais com o auxílio dos pastores e obreiros.

Para Otto (1985), o sagrado é interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso. Para ele, o sagrado vai estar presente em todas as religiões. Sobre o sagrado, Otto explica que:

“...Ele constitui a parte mais íntima e, sem ele, a religião perderia as suas características. A sua vitalidade manifesta-se sempre com vigor nas religiões semíticas e dentre elas, num grau superior, nas religiões bíblicas. Lá ele possui o nome que lhe é próprio: Quadoch, Hagios, Sanctus ou Sacer. Seguramente, nessas três línguas, essas palavras indicam a idéia de bem, bem absoluto, considerados no mais alto grau de desenvolvimento em sua maturidade. Nós traduziríamos, então, por “sagrado” ou “santo”. Mas esse sagrado ou santo é o resultado final da esquematização gradual e da saturação ética de um sentimento original e específico. É possível que esse elemento seja neutro com relação à ordem ética e possa ser examinado assim. Sem dúvida que na origem do desenvolvimento dessas expressões o significado não estava presente. É um ponto geralmente admitido hoje pelos exegetas. Reconhece-se, com razão, uma interpretação racionalista do fato de traduzir Quadoch simplesmente por bom” (Otto, 1985, p. 12).

As pessoas sacralizam para dar sentido à vida. Os ritos, portanto, exercem um papel importante para os cultos. Eles reforçam a fé e garantem a repetição correta de formas de sucesso:

“Os ritos na Igreja Universal entrelaçam os adoradores num círculo marcado pelo desafio. Eles são desafiados em nome de Deus e, ao mesmo tempo, devem aprender a desafiar Deus com uma decisão definida e contribuições apropriadas. A IURD é uma religião de provocação e de desafios, por isso, participar de um de seus rituais, seja “campanha” ou “corrente” de fé, é ser colocado diante de um repto que exige mudança nas ações e condutas. Constantemente, o fiel é desafiado a assumir papel

prescrito pelos pastores e para consegui-lo procura-se mexer com os seus bríos” (Campos, 1997, p. 153-54).

Para explicar o valor que o rito tem durante um culto religioso, O’Dea (1969, p. 61) explica que ele é a “constante reiteração de sentimentos” e uma “repetição disciplinada de atitudes corretas”. Dessa forma, o ato de culto é um ato social de reunião, em que o grupo restabelece sua relação com os objetos sagrados e, através destes, com o além, e ao fazê-lo reforça sua solidariedade e reafirma seus valores.

A participação nos ritos é, na verdade, o requisito para se alcançar o sagrado, portanto, enquanto este último tende a “desaparecer”, o rito tem o papel de surgir para reavivá-lo. Isto responde, então, porque os fiéis aderem às doutrinas e aos ritos das igrejas evangélicas no presídio, ou seja, para receberem o avivamento espiritual e a aproximação do sagrado.

A religião também pode ser compreendida como a administração do sagrado.

Callois explica que o sagrado é a idéia mãe da religião:

“É do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito. O respeito que ele lhe testemunha é feito simultaneamente de terror e de confiança. As calamidades que o ameaçam, de que ele é vítima, as prosperidades que ele deseja ou lhe calham por sorte são por ele relacionadas com determinado princípio que se esforça por vergar à sua vontade ou coagir” (Callois, 1988 p. 22).

Não há como explicar o que é sagrado para os pentecostais sem tomar como referência o que é profano. Nas suas igrejas, por exemplo, há uma caracterização negativa sobre o profano enquanto que o sagrado é aquilo que atrai e seduz e que dá sentido à vida do fiel:

“Por um lado, a contagiosidade do sagrado condu-lo a verter-se instantaneamente sobre o profano e a correr assim o risco de o destruir e de se perder sem proveito; por outro, o profano, que tem sempre necessidade do sagrado, é constantemente impelido a apoderar-se dele com avidez e arrisca-se assim a degradá-lo ou a ser ele próprio aniquilado. As suas relações mútuas devem então ser severamente regulamentadas. Tal é precisamente a função dos ritos” (Callois, 1988, p. 23).

Nesse caso, os ritos ocupam uma função importante, que é a regulamentação das relações entre o sagrado e o profano. Presente no momento do culto, o rito é capaz de lembrar aos presos a condição de pecadores, de homens profanos, que precisam verter sobre esse estado, uma nova fase, que é o momento sagrado, que é vindo do altar, das canções, das orações, dos batismos, das pregações, dos símbolos, etc.

4.4. A expressão dos símbolos

A expressão simbólica é significativa nas igrejas pentecostais. Há o uso constante de objetos sagrados que são distribuídos aos fiéis durante os cultos, principalmente nas correntes de oração, que não têm o intuito de serem adorados, mas são utilizados como poderosos agentes da fé e inibidores de todos os males causados pelas ações consideradas demoníacas por estas igrejas.

Para Campos (1997, p. 79), os discursos dos pastores neopentecostais servem de exemplo para mostrar que os objetos materiais distribuídos nos cultos são o próprio antídoto para as coisas ditas demoníacas por estas igrejas. O autor cita algumas falas dos pastores que comprovam esta idéia:

“Participe da campanha da arruda contra os maus espíritos na última sexta feira do mês. Temos a oração de descarrego com arruda, uma oração forte, muito forte para a sua vida” (Rádio São Paulo, 29.09.94).

“Venha à Igreja universal receber uma fita para colocar no seu braço. Você que hoje está com uma fita vermelha venha na próxima semana receber uma fita azul em que está escrito: persegui os meus inimigos e só voltei depois que os esmaguei.’ Venha, pois no domingo você vai receber a fita azul em todas as igrejas universal. Largue a fita do Senhor do Bonfim, dos santinhos e venha receber a nossa fita azul da cor do céu.” O pastor entrevista uma família de quatro pessoas, às margens do lago Paranoá, em Brasília e diz (sic): “Veja só! Esta família toda está ‘enfitada’. (bispo Gonçalves, TV Record, 31.08.95).

Através das declarações acima, podemos considerar que os objetos não teriam nenhum valor se não fosse o significado a eles atribuídos, ou seja, o valor simbólico é o que importa aos fiéis, pois representam a passagem para se chegar ao sagrado.

Convites de livramento por meio de campanhas e uso de objetos simbólicos também acontecem dentro das igrejas no presídio. Nesse caso, os pastores também convidam os fiéis a participar de campanhas para a distribuição de objetos sagrados e para a oração seguida de unção com óleo. Fatos como esses foram observados nas igrejas Universal e Deus é Amor. Nessas igrejas, o valor simbólico é mais expressivo do que na igreja Luz para os Povos. Nelas, o valor simbólico de um objeto parece ser algo importante. Cessado o momento da distribuição, percebe-se que os detentos fazem daqueles objetos a própria manifestação divina, uma ponte para o sagrado, ou o próprio sagrado.

Os símbolos, por mais variados que sejam, têm quase que um objetivo em comum, que é a extinção do momento profano e a reintegração ao mundo sagrado. A água, por exemplo, é um elemento sacralizado:

“Em qualquer grupo religioso que se encontrem, as Águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, “lavam os pecados”, são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras. Seu destino é o de preceder a Criação e de reabsorvê-la, incapazes que são de ultrapassar sua própria modalidade, ou seja, de manifestar-se em formas.”(...)”As lustrações e as purificações rituais com água têm como objetivo a atualização fulgurante do momento intemporal (in illo tempore) em que aconteceu a criação; elas são a repetição simbólica do nascimento dos mundos ou do “homem novo” (Eliade, 1991 p. 152).

Nas ciências da religião, o símbolo é a linguagem da experiência religiosa, podendo ser uma expressão benéfica ou maléfica. Segundo Croatto (1994) o ser

humano constrói símbolos continuamente. Tudo o que produz é de alguma forma simbólico.

“Como linguagem que é, o símbolo tem, portanto uma função social. É uma linguagem de comunicação profunda, quando não é confundido com o signo ou a metáfora, desvio mais requente do que parece. O ser humano no cotidiano precisa falar em símbolos para expressar suas vivências. Com maior razão o homo religiosus, já que o símbolo é a palavra inicial da experiência religiosa. Não há outra linguagem para essa experiência (veremos que o mito e o rito são, em primeira instância, construções simbólicas” (Croatto, 1994, p. 115).

4.5. Discursos: o fundamentalismo visto como sistema simbólico religioso

Não muito distante dos discursos dos líderes das igrejas pentecostais, encontra-se o interesse fundamentalista das denominações que representam. E é nesse sentido que as igrejas conseguem atuar dentro do presídio.

Há uma certa exclusividade por parte das igrejas pentecostais em se identificarem como santas, bem como de estarem de acordo com a Bíblia e a vontade de Deus. Conscientes de terem a posse da verdade, as igrejas individualmente apresentam-se aos fiéis dotadas de um discurso essencialmente fundamentalista, traçando limites que dividem o ‘nós’ dos ‘outros’¹⁹.

Por fundamentalismo entende-se, segundo Oro (1996, p. 118-9), uma tentativa de acorrentar Deus a um símbolo, ao rito, aos dados históricos e à letra, tornando-se garantia de salvação. A autoridade é mantida a qualquer custo, negar alguns dos seus líderes fundamentais é o mesmo que declarar-se herege ou ser desviado pelo demônio. O fundamentalismo proclama o retorno à raiz da verdade. O

¹⁹ Segundo Oro (1996; p. 127), o ‘nós’ vem a ser os fundamentalistas, constituindo os pastores e os fiéis, enquanto que os ‘outros’ são aqueles que compõem a grande maioria, são apóstatas, moralmente pervertidos, arrastados pelo mundo.

ideal dos fundamentalistas é retornar à raiz, restituir pureza, integridade, plenitude a um conteúdo de verdade imutável, declarado e definido de forma dogmática.

Segundo Oro (1996, p. 110-13), para que o fundamentalismo seja sociologicamente estudado, é preciso observar seus aspectos estruturais: o líder (que tem o poder para pôr os fiéis em contato com o transcendente, levando-os a ter uma experiência religiosa que devolve a confiança na vida e gera a consciência de não estarem abandonados por Deus. È como alguém que tem a posse da verdade, que tem o poder de Deus. Portanto, deve ser ouvido e seguido. No caso dos líderes pentecostais: eles representam o estágio mais avançado do fundamentalismo) e os fiéis, têm nesse contexto, a necessidade de que alguém os ajude a tornar viável a sua vida sobre a terra. São impedidos de crescer e amadurecer, no sentido de uma autonomia pessoal e na fé. Segundo o autor, não havendo uma reflexão conjunta, a dependência em relação ao líder vai se reproduzindo indefinidamente.

Um segundo elemento estrutural do fundamentalismo é a sua capacidade de comparar a realidade atual com alguma coisa do passado.

Numa visita realizada à Igreja Universal do Reino de Deus, na Catedral da Fé em Goiânia, observou-se que o texto bíblico utilizado no momento da pregação do pastor se referia a situações de lutas e conquistas vividas por homens no período bíblico:

“Vindo Gideão ao Jordão, passou com os trezentos homens que com ele estavam, cansados mas ainda perseguindo”.- Juízes 8:4,

“Mas se diligentemente lhe ouvires a voz e fizeres tudo o que eu disser, então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários.”- Êxodo 23:22. (Pastor Antônio Ferreira, Catedral da Fé, 08/12/03).

O exorcismo também se ocupa de discursos fundamentalistas, isso foi perceptível durante as visitas no presídio, tornando-se comum ver pastores

convocando para irem à frente aquelas pessoas que sentem fortes dores de cabeça, vêem vultos, ouvem vozes estranhas, sentem náuseas, tonturas, sentem arrepios, são nervosas etc. Dessa forma, eles propõem que as pessoas que têm tais sintomas levantem as suas mãos a fim de que sejam libertas, pois o demônio impede o fiel de ser próspero na terra. Logo, estas pessoas vão até o altar, os obreiros se juntam em volta de cada uma e, assim, é iniciado o ritual de exorcismo:

“A imagem de diabo, que as pessoas trazem consigo, é recriada e retocada coletivamente, colocada em cena, sob a liderança do ator-exorcista, usando-se para isso uma configuração já presente no imaginário social. Porém o diabo, personagem clássico da mitologia popular, não se esgota e nem se elimina de uma vez por todas do palco da vida. O demônio sobrevive a cada um de seus intérpretes e, mesmo após contínuas sessões de exorcismo, reaparece em outros sujeitos, identificando-se e agindo de idêntica maneira, às vezes até, nos mesmos que foram anteriormente exorcizados” (Campos, 1997, p. 347-48).

Culpado pelas incidências que ocorrem na vida dos fiéis, o diabo é aquele que deve ser “queimado” e expulso da vida de um fiel pentecostal.

No presídio, por exemplo, costuma-se ouvir dos presos a desculpabilização de seus crimes, atribuindo ao diabo a responsabilidade pela infração cometida. Para ajudar o preso a livrar-se das perversidades do diabo, a “guerra santa”²⁰ é engajada pelos pastores dentro do presídio.

Conforme essa visão fundamentalista, esses líderes pentecostais ensinam que o diabo precisa ser expulso, garantindo a libertação dos presos da perseguição maligna, levando ao fim do sofrimento vivido pelo presidiário.

Quanto à gestão do espaço religioso, Oro (1996, p. 131), escreve que os líderes e os fiéis fundamentalistas possuem a sua fé como a única verdadeira e a sua verdade como o caminho exclusivo de salvação. Tais movimentos religiosos

²⁰ Campos (1997, p. 338), ao falar sobre o funcionamento da guerra santa, utiliza o termo maniqueísmo neopentecostal existente entre o “bom Deus” e o “diabo perverso”.

assumem três características essenciais: não admitem o pluralismo, nem a relativização e nem a democracia.

Um fato intrigante para quem visita o presídio é que cada igreja tem o seu lugar de realização do culto, os pastores e obreiros voluntários não aceitam, de forma alguma, compartilhar o espaço com outras igrejas. A árvore – mangueira – por exemplo, dentro da Ala C do presídio, tornou-se um espaço pertencente exclusivamente aos fiéis da Igreja Deus é Amor.

Assim também acontece com o lugar reservado exclusivamente à Igreja Universal do Reino de Deus e à Igreja Luz para os Povos.

4.6. A ação religiosa vista como uma ação racional

No início do capítulo foi questionado por que a ação das igrejas evangélica dentro da penitenciária de Goiânia encontra tamanha repercussão e por que os fiéis aderem às suas doutrinas. Segundo Weber, a resposta poderá ser construída a partir de um ponto em comum: ambos são movidos por interesses racionais.

Weber explica que a ação religiosa dos indivíduos é uma ação racional:

"A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas "para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra " (Weber,1991,p. 279).

Nas visitas realizadas ao presídio, observou-se que o contexto teológico criado pelos pastores e demais voluntários estava, na sua maioria, adaptado à vivência cotidiana dos detentos para que assim eles se sentissem impactados pela intenção do culto. Viu-se também que os detentos tinham interesses racionais ao participarem dos ritos, das orações, das campanhas, enfim, dos cultos dirigidos

pelos grupos evangélicos. Faz parte desses interesses o suprimento de suas carências afetivas, materiais, sociais, religiosas, etc.

Nas igrejas pentecostais os cultos são especializados num tipo de necessidade geral e comum entre os fiéis; portanto, os temas das correntes²¹ são estrategicamente elaborados para corresponder às expectativas dos fiéis.

Os cultos elaborados condizem com o que o detento necessita receber de Deus, e o resultado da campanha é tido como certo e positivo aos olhos dos pastores e fiéis. Daí o respeito e a obediência aos ritos praticados, impedindo o esquecimento e garantindo a constante participação dos detentos nos cultos.

De qualquer maneira, seja nas correntes ou nas campanhas, o milagre esperado só será possível aos olhos dos pastores e dos fiéis, se forem diariamente respeitados.

Vale ressaltar que a assiduidade aos cultos é o meio de se alcançar o fim último. Vê-se neste processo, uma ação chamada por Weber de racional, pois os meios escolhidos para se atingir os objetivos são, para os fiéis, os que eles consideram os mais adequados.

“... Não obstante, também as religiões indiferenciadas nos demais aspectos praticam a oração autêntica individual, como súplica, na maioria das vezes numa forma racional, puramente comercial: o rezador apresenta ao deus os serviços prestados, esperando contraprestações correspondentes...” (Weber, 1991, p. 292).

Com uma tendência à racionalidade, a religião permanece vinculada ao culto. Weber comprova esta idéia ao apresentar que o racional se dá no significado econômico e que determinado deus pode alcançar a supremacia dentro do panteão

²¹ As “correntes de fé” são atividades diárias na vida ritual das igrejas neopentecostais. Campos (1997, p. 145) explica que as correntes são atividades que obedecem a um calendário semanal uniforme e fixo, uma espécie de repetição contínua.

através de uma importância relativa na agricultura, criação de gado, domínio da riqueza etc (Weber,1991,p. 286).

Os presos convertidos demonstram interesses evidentemente racionais ao participarem dos cultos. Como Bordieu (1998, p. 48) explica, os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.

Há uma saída?

V. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Sobre o perfil etário e educacional, do total pesquisado – 24 presos – , chegou-se ao seguinte resultado:

- Sete deles tinham entre dezoito e vinte e quatro anos, quatorze presos tinham entre vinte e cinco e trinta e cinco anos e apenas três eram maiores de trinta e seis anos de idade;
- Quinze dos presos tinham o Ensino Fundamental incompleto, três tinham cursado o Ensino Fundamental, quatro deles estavam concluindo o Ensino Médio e apenas dois o haviam concluído.

Quanto à vida familiar dessa amostragem de vinte e quatro questionários foram computados os seguintes dados:

- Treze presos recebiam visita de familiares, quatro raramente e sete não recebiam nenhuma visita;

- Cinco deles eram casados em cartório, quatro não eram casados legalmente, quatorze eram solteiros e um era divorciado;
- Onze dos presos afirmaram não ter dependentes financeiros, seis deles disseram ter de um a dois dependentes, outros seis disseram ter de três a quatro dependentes e um afirmou ter acima de cinco dependentes na sua família.

Somando o fator trabalho:

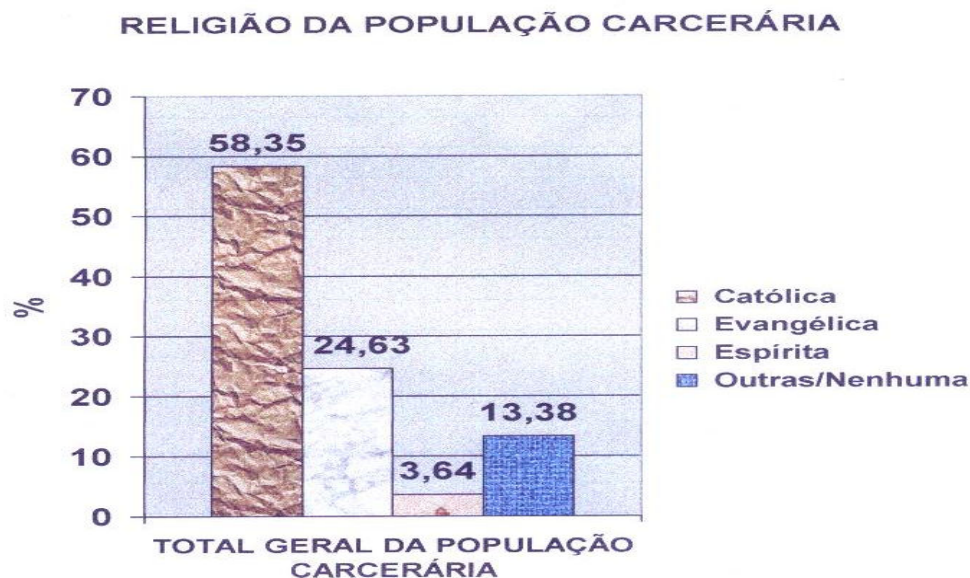
- Quinze dos presos disseram estar desempregados e não realizam nenhuma atividade financeira.
- Nove deles disseram estar trabalhando, o que não é um dado otimista porque oito dos presos que afirmaram trabalhar fazem pequenos trabalhos artesanais que não oferecem uma renda regular e necessária para o próprio sustento.

Analisando a vida religiosa dentro da penitenciária, ao serem perguntados sobre a religião que eles praticavam antes e a presença da família nas igrejas, foram obtidas as seguintes informações:

- Oito afirmaram que não tinham nenhuma religião antes, cinco declararam que eram católicos, seis deles disseram que eram evangélicos, dois informaram que eram espíritas e três disseram praticar outras religiões.
- Dez presos afirmaram que suas famílias assistiam aos cultos nos dias de visita, cinco disseram que suas visitas assistiam raramente aos cultos e nove apresentaram que seus familiares jamais iam aos cultos.

Segundo dados da Assessoria Jurídica da Agência Prisional, a religião dos evangélicos tem crescido nos últimos anos. Conforme o sr. Edson Tadashi Sumida, atual gerente desse departamento, a última pesquisa realizada para investigar a

religião na prisão demonstrou que o percentual de presos evangélicos ainda representava a metade da população carcerária declarada católica:



Fonte: Fonte: Dados fornecidos pela Assessoria Jurídica da Agência Prisional. Pesquisa feita por uma amostragem de 30% da população carcerária no ano de 1999.

Com a pretensão de obter dados mais recentes, a Assessoria Jurídica informou que está fazendo nova coleta de dados, mas ainda não tem os percentuais computados pelos pesquisadores. Mesmo assim, o gráfico revelado acima pode não estar de acordo com a realidade vigente, isso porque os grupos evangélicos emergiram nos últimos seis anos, além do fato de o gráfico não ter especificado se os presos que se declararam católicos eram praticantes ou não.

Quando foi perguntado aos presos se eles faziam orações e atividades religiosas fora do horário de culto, todos disseram que sim; e ao serem questionados se a pregação dos pastores contribuía para a vida social e familiar e se para eles, os presos evangélicos tinham vantagens em relação aos outros, foram apurados os seguintes dados:

- Vinte dos presos disseram que as pregações dos pastores contribuem e quatro disseram que não contribuem;

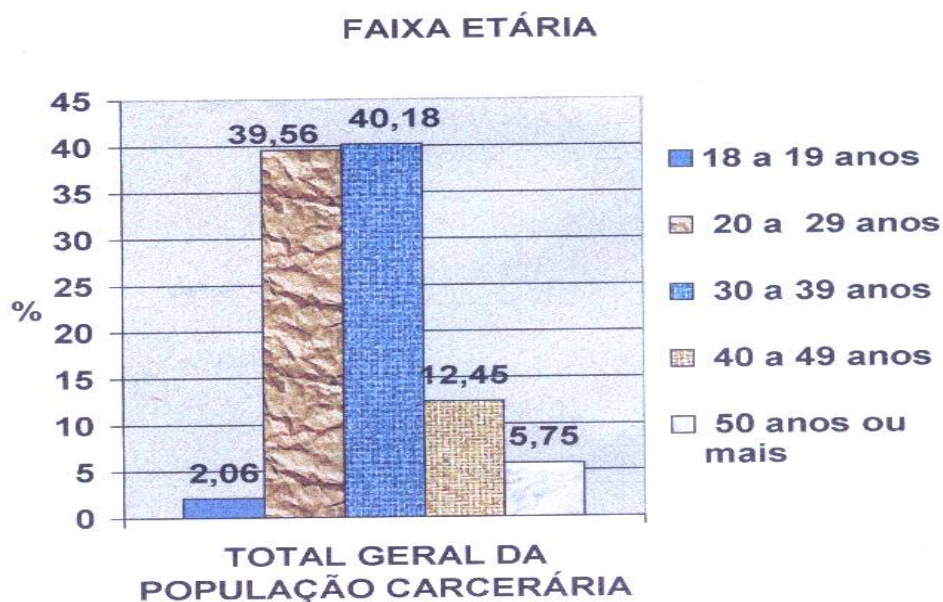
- Dez deles disseram que acreditam que os presos evangélicos têm vantagens em relação aos outros, onze disseram que não e três responderam que eles algumas vezes têm vantagens.

Ao serem questionados sobre a pretensão de continuarem a fé religiosa quando saírem do presídio e sobre o tempo de duração da pena, eles responderam o seguinte:

- Vinte afirmaram que pretendem continuar a fé religiosa, dois disseram que não e dois informaram que ainda não haviam pensado nisso.
- Três presos informaram que cumprem a pena acima de vinte anos de prisão, um preso cumpre a pena que está entre dezesseis e vinte anos, quatro deles cumpre pena entre doze e dezesseis anos, nove deles cumpre pena entre oito e doze anos, seis presos cumpre pena entre quatro e oito anos e apenas um preso tem uma pena inferior a quatro anos.

Analisando em geral os resultados, a pesquisa atesta o pressuposto de que há nos presídios brasileiros uma população carcerária de maioria jovem e pouco letrada.

Apesar dos questionários representarem uma amostragem pequena em relação ao número total da população carcerária, dos vinte e quatro entrevistados, apenas três presos tinham uma idade superior a trinta e cinco anos. Comparando ainda esses resultados com dados coletados pela Agência Prisional, tem-se a comprovação de um perfil etário essencialmente jovem dentro da penitenciária. Consta no gráfico a seguir, uma amostragem que evidencia a porcentagem da faixa etária da população carcerária:



Fonte: Dados fornecidos pela Assessoria Jurídica da Agência Prisional. Pesquisa feita por uma amostragem de 30% da população carcerária no ano de 1999.

Quanto ao nível escolar, muitos presos estão em fase de alfabetização dentro da penitenciária. Para responder aos questionários, por exemplo, muitos deles pediram ajuda porque não sabiam ler.

Dentre os entrevistados, há uma significativa parcela de presos solteiros que não conseguem se manter e vivem no subemprego: vendendo cartões telefônicos, artigos artesanais, costurando bolas etc. E quanto aos que se declaram chefes de família, ao viverem também nas mesmas condições que os outros, demonstram impotência em manterem financeiramente a si próprios, bem como suas mulheres e filhos.

De todos os presos entrevistados, apenas um trabalha formalmente numa empresa e tem o pecúlio recolhido. Vendo-se incapazes de garantir o sustento da família, sem dinheiro, os presos vivem a mendicância dentro da cadeia e perdem a auto-estima.

Esses dados levam ao questionamento de como será a fase posterior da liberdade desses homens. Dentro das características da maioria dos presos da Agência Prisional, lança-se uma pergunta: Há uma saída?

Vinte presos afirmaram que as pregações dos pastores contribuem para suas vidas e em resposta a outra pergunta, todos (unanimemente) responderam que fazem orações e fazem pedidos a Deus fora do horário de culto. Treze presos acreditam que vale a pena ser evangélico porque acreditam que os presos evangélicos têm vantagens, mesmo que algumas vezes, em relação aos outros presos. Quanto à pretensão de continuar a fé religiosa no momento do egresso, vinte presos disseram que desejam continuar crentes.

Analisando por que Jesus, por intermédio dos pentecostais, pode ser a saída para os detentos, deve-se notar a seguinte perspectiva: o preso, através da conversão, sente em si mais força para enfrentar as dificuldades da prisão e do egresso e acredita-se salvo do mal, este representado pelos riscos a que estão expostos naquele lugar. Do questionário analisado, vê-se que para alguns presos, a saída, desse lugar chamado inferno terreno pode estar nas promessas dos pastores pentecostais, na conversão e na “aceitação” desse Jesus!

5.1. Uma aproximação sociológica sobre a atuação das igrejas na P.O.G

A sociologia da religião enquanto ciência dispensa a pretensão de definir a atuação dessas igrejas como algo certo ou errado, positivo ou negativo, útil ou inútil. O que vale aqui é pesquisar o significado religioso e social destas igrejas na vida dos presos e quais causas e efeitos estas igrejas provocam em seus fiéis.

O fator pobreza pode ser um dos caminhos para se chegar numa outra análise que é a relação entre igreja e preso. Pela indicação sociológica de Corten²², parece que o detento adere ao pentecostalismo assim como as massas mais pobres e desfavorecidas das cidades também aderem. O fiel que está preso não é diferente do fiel que está solto, suas necessidades podem diferenciar-se em alguns aspectos, mas os quesitos opressão econômica e carência educacional, torna-os parecidos. Tanto na penitenciária como na rua, existem pessoas que sofrem do abandono social e econômico, que buscam uma intervenção para a situação em que vivem. Esta ajuda aparece na pregação da igreja pentecostal, cujo discurso do pastor lhes promete a solução desses problemas, não apenas pelas práticas religiosas, mas também pelas práticas assistencialistas, pela amizade, pela disposição em ouvi-los, etc.

Segundo Assman (1974, p. 94), Marx compreende a alienação no sentido religioso quando o fiel tem a necessidade de ver em Deus o seu consolo, a sua justificativa, buscando no céu aquilo que ele espera. Na opinião do autor, esse é o fundamento da crítica religiosa feita por Marx, quando ele explica que a religião é o suspiro da cultura oprimida. Por essa ótica, a religião é compreendida como o mero ópio do povo. É pela crítica da religião que o homem se desengana, porque quanto mais religioso for o homem, maior será a sua alienação. O autor ainda completa que no ponto de vista marxista, torna-se necessário abolir a religião para que a forma real aconteça, porque a crítica `a religião desengana o homem, liberta-o para que ele pense, para que atue e modele sua realidade como um homem desenganado. Nesse caso, torna-se inoportuno o homem buscar na religião aquilo que ele não tem.

²² Conforme indicação de Corten (1996, p. 83), os evangélicos são mais numerosos entre os que têm renda mais baixa, entre os menos instruídos e entre os negros, sobretudo os mulatos. Sendo que 60 a 70% dos evangélicos são pentecostais.

Quanto ao marxismo, com a função de censurar a tendência à emoção, à compaixão, frente à escandalosa miséria de que são testemunhas os teólogos, essa corrente permite deslocar a emoção para um discurso sobre as estruturas, sobre as necessidades de mudanças estruturais (Corten, 1996, p. 26).

Num outro aspecto, quanto ao uso da teologia, enquanto articulação da experiência da gratuidade amorosa de Deus, há uma palavra própria a oferecer àqueles que pautam sua existência a partir de um referencial religioso e cristão:

“É de sua visão de mundo, de sua religião, que as pessoas interpretam o que acontece com elas, que tomam decisões e apontam o rumo para onde desejam orientar suas existências. Com efeito, não é da ciência que se espera uma resposta pelo sentido das coisas e da vida, ou pelo valor intrínseco de determinado modelo socioeconômico. Não é da economia que se espera um juízo sobre o grau de humanidade ou desumanidade das próprias práticas econômicas. O Deus que se revela no testemunho de vida e luta, fé e esperança é o defensor e a garantia última do projeto de humanização dos esquecidos e excluídos, a quem a velha e a nova “ordem” capitalista reservam apenas um “não-lugar”, correspondente à sua imposta condição de “não-homens” (não-consumidores)” (Moreira, 1998, p. 148).

Nesse caso, o Jesus ou o Deus ensinado pelos pastores pentecostais é o defensor último daqueles que se sentem excluídos pelo sistema econômico, cujo poder é transformador e paternal. Pela conversão, no contexto analisado, não importa mais se eles são presidiários e criminosos, o que importa é que pela bondade, esses homens serão os filhos herdeiros desse mesmo Deus, dono do ouro e da prata.

Em íntima aproximação ao que os pastores discursam, suas pregações falam sobre aquilo que os presos vivem e dentro dessa empatia com os seus lamentos, os pastores oferecem mudanças que contrastam com a pobreza, com a doença e com o abandono.

E como resultado dessa oferta religiosa pentecostal, seus fiéis tornam-se cada vez mais numerosos, embora tenhamos vivido numa sociedade moderna, previamente imaginada como secular. Mas o fenômeno religioso, principalmente o do mundo pentecostal, não foi amortecido pela modernidade, como poderia prever a corrente que defendia a tese da secularização, mas ao contrário, seu sucesso se deve exatamente ao mundo moderno e à forma através da qual ele envolve a vida do indivíduo.

Podemos, portanto, no século XXI, contemplar como cientistas da religião, inclusive em nosso país, o surgimento de várias igrejas neopentecostais autóctones e de estrutura bem equipada, com atuação efetiva nos centros urbanos, periferias, cidades de pequeno e grande porte, que alcançam não apenas os segmentos urbanos comuns, mas locais longínquos e separados, como os presídios.

Segundo Campos (1999, p, 33), o que está na ordem do dia não é mais a extinção e, sim, a efervescência da religião, exatamente no interior de uma civilização que, ao menos teoricamente, deveria ter obstaculizado tal sobrevivência. Rompida a hegemonia do paradigma da secularização, alguns de seus próprios entusiastas procuraram rever suas posições e passaram a considerar os fundamentalismos e pentecostalismos os mais importantes fenômenos religiosos do século.

O comentário anterior leva a constatar que, de fato, alguns autores, como por exemplo, Peter Berger, precisaram refazer seus artigos e, principalmente, rever a questão da secularização. O autor se declara estar equivocado ao se influenciar pela tese da secularização da religião no mundo:

“Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma

literatura por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada. Em trabalhos anteriores, contribuí para essa literatura. Eu estava em boa companhia – a maioria dos sociólogos da religião tinha opiniões semelhantes, e nós tínhamos boas razões para afirmá-las” (Berger, 2001, p. 10).

As igrejas Universal, Luz para os Povos e Deus é Amor fazem parte de um contingente evangélico crescente e significativo, fazendo-se perceber com clareza que a tese da secularização é contraditável nos nossos dias.

5.2. As considerações perante os fatos observados

Quando comecei a visitar o presídio percebi, inicialmente, que a minha presença causava uma certa estranheza para aqueles detentos. Desejando uma maior aproximação com o grupo, passei a participar dos cantos, das orações, das revelações espirituais, das ceias mensais, das pregações, enfim, de boa parte dos ritos e programações realizados no presídio. No final de cada visita, passei a elaborar um diário para que os detalhes das informações não fossem esquecidos. Quase no final das visitas, quando os presos já demonstravam uma relativa confiança em mim, entreguei-lhes um questionário com perguntas fechadas para a conclusão da pesquisa. Para a minha surpresa, enquanto eu recolhia um dos questionários, um detento me perguntou se eu nunca mais voltaria ali, já percebendo que eu finalizava a pesquisa. Disse que sentiria minha falta. Isso me deixou de certa forma constrangida, fazendo-me fazer imaginar quantos pesquisadores haviam passado também por esse mesmo dilema.

Como resultado das visitas feitas ao presídio, observei que uma maior parte dos detentos convertidos atribuía significativa relevância e certa assiduidade ao

grupo religioso pentecostal a que pertencia. Pude notar que alguns detentos, na maioria das vezes, não se limitavam ao papel de ouvintes, mas também participavam do acesso ao altar, aproveitando as oportunidades como os testemunhos, pregações, avisos, pedidos de oração, distribuição do pão e vinho da Santa Ceia etc. No geral, os discursos dos pastores enfatizavam o perdão de Deus, a remissão de seus pecados e a possibilidade da transformação da natureza pecaminosa do homem.

De certa forma, os presos parecem ter consciência da ajuda expressiva que recebem das igrejas e comentam sobre isso sem constrangimento. Essa ajuda não se limita ao aspecto religioso apenas, mas inclui também o social, o material e o psicológico.

Enfim, estes homens são incitados a ver uma
saída.

E se tem saída para o que eles não querem
mais em suas vidas, tem-se que compreender
porque eles aderem ao que está sendo
oferecido!

A religião pode ser neste caso um sinal de
inconformismo do ser humano com as coisas
que ele vive.

CONCLUSÃO

Pelos resultados apurados para a conclusão deste estudo, parece ter havido certa sustentação quanto às perguntas fundamentais. Procurei responder ao longo da dissertação as seguintes indagações: Qual é a atuação das igrejas pentecostais na penitenciária? Quais são os interesses dos detentos ao aderirem aos pentecostais? E quais são os interesses da penitenciária ao permitir e estimular a ação das igrejas em seu interior?

Em resposta, inicialmente, parece oportuno confirmar que a atuação das igrejas evangélicas encontra repercussão dentro da penitenciária. Isso não acontece apenas no aspecto religioso, mas envolve espaços de outras dimensões, como apoio jurídico, material, terapêutico, familiar, etc. Preenchendo essas lacunas, os presos encontram na religião aquilo que lhes está faltando na prisão. Nesse caso, a promessa de solução dos problemas é certa: Manter uma boa relação com Deus

passou a significar o mesmo que se dar bem nesta vida. “Ter um encontro com Cristo”, portanto, corresponde, na visão dos líderes neopentecostais, a gozar uma vida próspera e feliz, ou à certeza de poder contar com a efetiva intervenção divina em qualquer circunstância, mesmo que seja para satisfazer interesses e ambições materiais (Mariano, 1999, p. 226-7).

Analisando o que os presos precisam e o que a religião promete, tem-se o seguinte resultado: o detento precisa de ajuda material, de cura, de entretenimento, de prestígio social, de se redefinir frente aos outros como não mais marginalizado, de substituir a vida familiar perdida, de segurança e confiança, de conforto, de amizade, de perdão pelo crime que cometeu, de coragem diante das situações difíceis, etc. Por outro lado, as igrejas pentecostais fazem as suas promessas, assegurando por intermédio de Jesus, a obtenção de tais resultados.

Quanto aos presos que optaram pela adesão à religião evangélica, por intermédio da fé em Jesus, eles enxergam a saída para o sofrimento da prisão. Através da conversão, eles sentem em si mesmos mais força para enfrentar as dificuldades emergentes e o momento do egresso. Eles também se acreditam salvos do mal, representado pelos riscos a que estão expostos naquele lugar.

Taxando-se como necessárias, as igrejas pesquisadas incorporam em seus discursos interesses proselitistas e fundamentalistas visando à demarcação de território. Esse proselitismo fez nascer a dúvida sobre a estratégia solidária da igreja no presídio e a revelação de seu repertório buscando retornos oportunos, até mesmo porque expressando também seus preconceitos contra outras religiões, como a afro-brasileira, tais igrejas também evitam o foco de crescimento de igrejas indesejadas no presídio, garantindo assim, a oposição religiosa dentro e fora dele.

Tal investigação permitiu que se chegasse a esses resultados:

A ação religiosa dos indivíduos é uma ação racional:

"A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial está orientada para este mundo. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas "para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra " (Weber,1991,p. 279).

Orientados para este mundo, os presos partem da idéia de que os cultos devem ser freqüentados com a finalidade de alcançar bons resultados. Quanto às igrejas, essas esforçam-se em garantir esta satisfação religiosa, procurando uma adequação às necessidades de seus membros.

São as necessidades e as experiências vividas na prisão que relembram ao preso a sua impotência diante das situações, impelindo-o a procurar a religião, fazendo uma conexão com o mundo sagrado, para se ter condições de enfrentar as dificuldades humanas. Por esse motivo, o homem repetidamente busca no rito uma forma de se manter no cosmos, ou seja, o rito tem a utilidade de recomeçar o tempo sagrado.

Pela análise sociológica weberiana, a religião atua no presídio por uma questão de resultados, ou seja, o funcionamento da religião acontece pela troca de interesses entre a igreja e o preso, fazendo sentido pela idéia de Weber (1991, p. 293) quando usa a expressão do "toma lá dá cá".

Por outro lado, pastores e fiéis parecem festejar o momento do culto. Nos domingos, pastores e presos cantam juntos, almoçam juntos, se abraçam e se tornam iguais, chamando uns aos outros de irmãos. Essa ajuda não pode ser desmerecida; ao contrário, demonstra àqueles que se dedicam a estudar a sociologia da religião, os motivos desses grupos religiosos serem anti-seculares e efervescentes.

O momento do culto, quando acontecem os cantos, as orações, os testemunhos, as pregações etc., torna-se único, porque é o momento da busca pelo sagrado, pelo santo. Tudo ali está carregado de um significado: por meio de rituais, homens se tornam santos, pecadores se tornam perdoados e purificados.

A prisão, por sua vez, promove esta relação entre igreja e presidiário e a incentiva. Aqui, a religião mais uma vez vai funcionar como uma saída, porque enquanto instituição, o sistema carcerário não consegue obter determinados resultados e, por isso, busca a religião para entrar em cena.

Incapaz de recuperar e re-adequar sua população carcerária dentro dos seus moldes, a prisão vê-se obrigada a contar com a intervenção da religião, servindo-lhe de suporte para fazer aquilo que aquela não consegue e não pode fazer, garantindo ainda que tudo isso lhe saia de “graça”. Enfim, é dentro disso que a prisão reconhece que precisa da instituição chamada igreja, é para isto e por isto que suas portas estão abertas.

Diante desse universo religioso visto dentro do presídio, melhor seria dizer que não concluí, mas que apenas parei por aqui as considerações – esse sistema é fascinante e abriga muitas novidades.

Esse estudo gerou novas perguntas: Por que a prisão não desenvolve políticas para o egresso deixando este papel para outras instituições como é o caso das igrejas? Por que as igrejas evangélicas não têm a mesma repercussão dentro da penitenciária feminina?

Estas perguntas ficarão como sugestões àqueles que se interessam pelo assunto e também podem servir como um novo fôlego para a continuidade desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, DIVINO. *Relatório de trabalho de evangelização*. Disponível em <http://www.ipda.org.br>. Acesso em 15 de abril de 2004.

ANDRADE, Maria Cristina de. *Presidiários*. Disponível em <http://www.hottopos.com.br>. Acesso em 11 de abril de 2004.

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ASSMANN, Hugo e MATE, Reyes. *Sobre la religion*. Salamanca: Síngueme, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BELLO, Ângela Ales. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru: Edusc, 1998.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociologia da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. São Paulo: Religião e Sociedade, 2001. Vol 21, n. 1.

BÍBLIA VIDA NOVA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1991.

BRUNEAU, Thomaz. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

BIDEGAIN, Ana Maria. *História dos cristãos na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOFF, Leonardo. *Oração do preso*. Disponível em: <http://www.nossacasa.net>. Acesso em 12/12/2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5-ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopetencostal*. 2-ª ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: UMESP, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira e GUTIERREZ, Benjamin. *Na força do Espírito*. São Paulo: Aipral, 1996.

CIPRIANI, Rogério et alli. *Identidade e mudança na religiosidade latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CNBB- "*Elementos para uma Pastoral Carcerária*". São Paulo: Loyola, 1989.

CNBB- "*Cristo liberta de todas as prisões*". São Paulo: Salesiana Dom Bosco. (Texto-Base CF 97). 1997.

COENEN, Lothar e BROWN Colen. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. Vol. II. 2-ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional*. Trad. Sônia Correa. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 2-ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1994.

DESROCHE, Henri. *Sociologia da esperança*. São Paulo: Paulinas, 1985.

DRUMOND, Patrícia. *Cristianismo: a grande árvore religiosa*. "O Popular". Magazine. Goiânia, 4 de abril, 2004. Páginas 3, 7 a 10.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Trad Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad Sonia Cruistina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Maria Emília Guerra. *A produção da esperança: casa de detenção de São Paulo, Carandiru*. São Paulo: PUC, 1996.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: USP/FAPEMA, 1995.

FOUCAUT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; trad. de Lígia M. Pondré Vassallo. 4-ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 5-ª ed. São Paulo: Perspectivas, 1996.

GOMES; Luiz Flavio. *Constituição Federal, Código Penal, Código de Processo Penal*. 5-ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

GWERCMAN, Sérgio. *Evangélicos. Super Interessante*. São Paulo: Fevereiro, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 5-ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* 16-ª ed. Rio de Janeiro: Universal, 1993.

MACEDO, Edir. *Estudos Bíblicos*. Rio de Janeiro: Universal, 2000.

- MADURO, Otto. *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, ciência e religião*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: 70, 1988.
- MARIZ, Cecília. *Secularização e dessecularização – comentários a um texto de Peter Berger*. São Paulo: Religião e Sociedade, 2001. Vol. 21, n-º 1.
- MARTELLI, Stefano. *Religião na sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. *O celeste porvir*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MENGONI, Júlio et al. *No cárcere porém livres*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MOREIRA, Alberto, MATTOS, Fernando A. M. *Neopentecostalismo; Mercado de trabalho*. Bragança Paulista: EDUSF, 1996.
- MOREIRA, Alberto e ZICMAN, Renée (orgs). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MONTES, Maria Lúcia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 4.
- NOGUEIRA, Carlos R. F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986. Col. Princípios.
- NOVAES, Regina. *Os escolhidos de Deus, pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1985.
- O'DEA, Tomass F. *Sociologia da religião*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969.
- OLIVEIRA FILHO, Edemundo Dias. *O vácuo do poder e o crime organizado: Brasil, início do século XXI*. Goiânia: AB, 2002.
- OLIVEIRA, Vânia. *Enquanto há esperança há vida*. Disponível em <http://www.igrejauniversal.org.br>. Acesso em 20 de maio de 2004.
- ORO, Ari Pedro. *Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro*. In: *Cadernos de Antropologia*, 9, p. 7-44. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- ORO, Ivo Pedro. *O outro é um demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

QUEIRUGA, A T. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Dicotomias religiosas: ensaios de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAINT-CLAIR, Clóvis. *A pena perpétua*. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com>. Edição 222 - 19/08/02. Acesso em 18/12/2004.

SAWAIA, Barder, et alli. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2^a edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999, 5^a ed.

TERRIN, A N. *O fundamentalismo*. A experiência religiosa como auto-referencial. In: *O sagrado Off-Limits*. São Paulo: Loyola, 1998.

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. 7^a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VASCONCELOS, Luciana. *Política de apoio continua com o fim da pena*. Disponível em: <http://www.clippingexpress.com.br>. Acesso em 18/12/2004.

WACH, Joaquim. *Sociologia da Religião*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Volume I. Brasília: UNB, 1991.

_____. *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Volume II Brasília: Ed UNB, 1999.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Referência musical:

AFRAM, Juninho. *Quem*. Acústico Olímpia. Oficina G3. São Paulo: Gospel Records, 1999.

ANEXO

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRANDA: FLÁVIA MELO

QUESTIONÁRIO

1- Nome completo: _____

2- Idade: Entre 18 e 24 anos ()

Entre 25 e 35 anos ()

Entre 36 e 45 anos ()

Acima de 46 anos ()

3- Escolaridade: 1-º Grau incompleto () 1-º Grau completo ()

2-º Grau incompleto () 2-º Grau completo ()

Curso Superior Incompleto () ou Completo ()

4- Estado Civil:

Solteiro ()

Casado ()

Viúvo ()

Divorciado ()

Outros ()

5- Possui dependentes (na família)?

Não () 1 a 2 ()

3 a 4 () acima de 5 ()

6- Recebe visitas com freqüência de amigos e parentes?

11- Fora do horário de culto, você faz orações ou outras atividades religiosas?

Sim ()

Não ()

Raramente ()

12-As pregações dos pastores contribuem para a sua vida social e familiar?

Sim ()

Não ()

13- Você acha que os presos evangélicos têm vantagens em relação aos outros,
como por exemplo, a diminuição da pena?

Sim ()

Não ()

Algumas vezes ()

14- Você pretende continuar sua fé religiosa quando sair do presídio?

Sim ()

Não ()

Ainda não pensou sobre isto ()